

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA
LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: AQUISIÇÃO DA
LINGUAGEM

**O USO DO PRESENTE PERFEITO SIMPLES POR
APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
a obtenção do
GRAU DE MESTRE EM LETRAS

FERNANDA MARX

Profa. Dra. Loar Chein Alonso

Orientadora

Porto Alegre, maio de 2004.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que me ajudaram a trilhar esta longa jornada, cheia de perdas, mas também de ganhos. E o ganho maior foi a conclusão de mais uma etapa de minha vida, talvez a mais importante.

Obrigada aos meus amigos e meus familiares e, em especial, a minha orientadora Profa. Dra. Loar Alonso, e minha terapeuta, Dra. Naura Bauerman, que me acompanharam em uma das fases mais difíceis de minha vida.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	09
LISTA DE ABREVIATURAS	11
LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS	12
INTRODUÇÃO	14
1. O PRESENTE PERFEITO SIMPLES EM INGLÊS	19
1.1 A diferenciação entre o Presente Perfeito Simples e o Passado Simples	20
1.2 As variáveis contextuais que determinam o uso do Presente Perfeito Simples	21
1.2.1 Relevância atual	21
1.2.2 Passado recente	29

1.2.3	Situação persistente	35
1.2.4	Passado Existencial	37
1.3	Síntese	41
2	A TEORIA DE ASPECTO	43
2.1	A diferenciação entre Tempo e Aspecto	44
2.2	O conceito de aspecto	46
2.3	Aspecto da situação	51
2.3.1	Características temporais dos tipos de situação	56
2.3.1.1	Estático / Dinâmico.....	56
2.3.1.2	Télico / Atélico	57
2.3.1.3	Duradouro / Instantâneo	57
2.3.2	Os tipos de situação	59
2.3.2.1	Atividades	60
2.3.2.2	Realizações duradouras	61
2.3.2.3	Realizações instantâneas	63
2.3.2.4	Semelfactíveis	64
2.3.2.5	Estados	66
2.4	Aspecto dos pontos de vista	70
2.4.1	O ponto de vista Perfectivo	74
2.5	A relação entre os pontos de vista e os tipos de situação.	76
2.6	A relação entre os pontos de vista e o contexto	78
2.7	Síntese	82

3	A TEORIA DE ASPECTO E O PRESENTE PERFEITO	84
3.1	Os sentidos especiais de localização temporal e os aspectos do Presente Perfeito	85
3.1.1	A localização temporal do Presente Perfeito	86
3.1.2	O ponto de vista perfectivo	87
3.1.3	Valor estativo resultante	90
3.1.4	A propriedade participante do sujeito	93
3.2	Síntese	98
4	METODOLOGIA	100
4.1	Objetivos e hipóteses	100
4.2	Contexto de pesquisa	102
4.3	Participantes do estudo	102
4.4	Instrumentos de coleta de dados	104
4.5	Análise dos Dados	107
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	109
5.1	Análise dos dados dos falantes de língua portuguesa	109
5.1.1	Distribuição de acertos por questão	110
5.1.2	Distribuição de acertos por teste quanto a diferentes variáveis contextuais	113
5.1.2.1	Cloze tests	114
5.1.2.2	Multiple choice tests	119
5.1.2.3	Translation tests	122

5.1.3	Distribuição de acertos quanto ao perfil do aprendiz	125
5.1.4	Discussão dos resultados	129
5.2	Análise dos dados dos falantes nativos	133
5.2.1	Distribuição de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais- Cloze tests	133
5.2.2	Distribuição de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais - Multiple choice test	138
5.2.3	Discussão dos resultados	140
CONCLUSÃO		145
BIBLIOGRAFIA		153
ANEXOS		159

RESUMO

O presente estudo visa investigar as causas das dificuldades envolvidas na aquisição do Presente Perfeito Simples em inglês como língua estrangeira. Para tanto, participaram do estudo um grupo de aprendizes brasileiros acadêmicos do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um grupo de falantes nativos de inglês americano. O trabalho foi desenvolvido a partir da coleta de dados através do uso de testes que demandavam o conhecimento dos usos do perfeito em língua inglesa, bem como, de um questionário para o levantamento do perfil dos aprendizes. Os resultados obtidos demonstraram que os usuários de ambas as línguas apresentam dificuldades no uso do Presente Perfeito Simples. Os participantes deste estudo parecem relacionar o Presente Perfeito ao Passado Simples devido ao compartilhamento do traço semântico [+anterior].

No que diz respeito a sua variável contextual 'persistente' o Presente Perfeito Simples aparece relacionado ao Presente Simples ou ao Presente Perfeito Contínuo devido ao fato de estes compartilharem o traço semântico [+duradouro] com o Presente Perfeito Simples persistente. Tais fatos demonstram uma dificuldade na distinção entre formas semanticamente semelhantes.

ABSTRACT

The present study purports to investigate the causes of the difficulties involved in the acquisition of the Present Perfect Simple in English as a foreign language. In order to obtain the necessary data, a group of Brazilian students from The Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and a group of native speakers of American English were selected to participate as subjects in this research. This paper was developed from the data collected from three different types of tests that demanded the use of the Perfect in English, as well as from a questionnaire to depict the learner's profile. The findings show that the learners and/or speakers of both languages have difficulties in the use of the Present Perfect Simple. They seem to relate the Present Perfect to the Simple Past due to the fact that both share the semantic feature [+anterior]. As far as the contextual variable 'persistent' is concerned, the participants in this study relate the Present Perfect Simple to the Present Simple or the Present Perfect Continuous because they both share the semantic feature [+durative]. It is possible to relate the

learners and/or speakers' difficulties to the similarity of meanings between the two semantically related forms.

LISTA DE ABREVIATURAS

PP	Presente Perfeito
LE	Língua Estrangeira
PS	Passado Simples
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
TF	Tempo de Fala
TE	Tempo do Evento
TR	Tempo de Referência
I	Ponto de Início
F	Ponto Final

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros por questão – Cloze Tests	111
Tabela 2 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros por questão – Multiple Choice Test	111
Tabela 3 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros por questão – Translation Tests	112
Tabela 4 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto a diferentes variáveis contextuais – Cloze Tests	114
Tabela 5 - Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto a diferentes variáveis contextuais – Multiple Choice Test ..	119
Tabela 6 - Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto a diferentes variáveis contextuais – Translation Tests	122
Tabela 7 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto à variável docência	126
Tabela 8 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto ao número de horas de estudo anterior ao ingresso na	

UFRGS	127
Tabela 9 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto à vivência no exterior	127
Tabela 10 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto à exposição à língua inglesa através da TV a cabo	128
Tabela 11 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros quanto à exposição à língua inglesa através da TV a cabo, vivência no exterior, docência e estudo anterior ao ingresso na UFRGS	128
Gráfico 1 – Percentual de acertos dos aprendizes brasileiros por variável contextual	131
Tabela 12 – Percentual de acertos dos falantes nativos quanto a diferentes variáveis contextuais – Cloze Tests	133
Tabela 13 – Percentual de acertos dos falantes nativos quanto a diferentes variáveis contextuais – Multiple Choice Tests	138
Gráfico 2 – Percentual de acertos dos falantes nativos por variável contextual	140
Tabela 14 – Percentual comparativo do desempenho dos falantes nativos e dos aprendizes brasileiros I	141
Tabela 15 - Percentual comparativo do desempenho dos falantes nativos e dos aprendizes brasileiros II	144

INTRODUÇÃO

A compreensão do processamento da linguagem por seus usuários leva a um entendimento das questões pertinentes ao seu processo de aquisição. É através da compreensão do processo de aquisição que conseguimos melhorar o ensino e conseqüentemente, a aprendizagem de línguas.

O objetivo deste estudo é buscar uma maior compreensão dos aspectos envolvidos na aquisição do Presente Perfeito Simples em inglês como língua estrangeira, mais precisamente no sentido de produto da interlinguagem ao final de 500 horas de instrução formal, estágio em que cursos reconhecidos como de qualidade em nossa comunidade consideram o aprendiz como um aluno de nível avançado.

Torna-se oportuno salientar que a determinação deste número mínimo de horas para se considerar um aprendiz como pertencente a um nível avançado foi estabelecida através de um critério formal. Foi realizada uma pesquisa com relação ao número de horas-aula de

alguns cursos livres de inglês como língua estrangeira de Porto Alegre a fim de se chegar a uma média. Os cursos procurados foram: Yázigi Internexus, com 600 horas-aula; Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano, com 540 horas-aula; Língua, com 440 horas; e Cultura Inglesa, com 550 horas-aula.

Após longos anos de intenso trabalho como professora de inglês em cursos livres, decidi tentar, em uma primeira etapa, investigar e, em uma segunda etapa, como resultado da primeira, encontrar respostas para uma questão que sempre me foi intrigante:

Por que os aprendizes apresentam tantas dificuldades no uso do Presente Perfeito?

Em um primeiro momento, pensei que o problema da dificuldade de aquisição do Presente Perfeito Simples (PP) estivesse relacionado ao material didático utilizado para o ensino, ou mesmo, a uma compreensão incompleta por parte do professor, o que dificultaria a transmissão desses conhecimentos. Ao iniciar minhas leituras de pesquisas na área de aquisição do Presente Perfeito, percebi, no entanto, que a questão é muito mais complexa do que imaginava. O Presente Perfeito em língua inglesa parece ser fonte de dificuldade tanto para falantes nativos (Gathercole, 1985, Antinucci & Miller, 1975, Johnson, 1984), quanto para aprendizes como segunda língua ou língua estrangeira.

A escolha do tema deste trabalho justifica-se, portanto, pelo interesse em contribuir com os estudos da área de aquisição da linguagem, mais especificamente no que diz respeito à aquisição do Presente Perfeito por aprendizes de inglês como LE.

Tendo em vista que esta estrutura verbal é freqüentemente usada em língua inglesa e que seus padrões de uso e freqüência não coincidem com o seu uso em língua portuguesa e que mesmo os aprendizes em níveis avançados apresentam dificuldades com o seu uso, torna-se oportuno um estudo que busque investigar questões que interferem ou retardam a aquisição e o uso adequado dessa estrutura.¹ Tais questões foram investigadas partindo da seguinte hipótese:

- 1- Os aprendizes tendem a usar o Passado Simples em circunstâncias quando o Presente Perfeito Simples seria o adequado no inglês americano. A preferência pelo Passado Simples deve-se à equivalência próxima de sentido existente entre estes dois tempos verbais.

Este trabalho visa contribuir com um contexto de instrução específico, ou seja, o ensino de inglês como língua estrangeira. Acredito que, através de uma compreensão mais abrangente do Presente Perfeito, os professores terão melhores condições de

¹ o uso adequado do PP refere-se a situações em quais grande parte dos falantes nativos o usaria.

apresentá-lo aos aprendizes, bem como, escolher o material didático, elaborar exercícios e selecionar textos que realcem as variáveis que determinam as diferentes escolhas verbais em questão.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, além da presente introdução e da conclusão final. O capítulo um trata do Presente Perfeito Simples em inglês. Nele é feita uma análise do Presente Perfeito Simples, em que é ilustrada, através de exemplos, sua apresentação em alguns materiais didáticos de reconhecida qualidade utilizados para o ensino de inglês como língua estrangeira.

O capítulo dois trata da teoria de aspecto, proposta por Carlota Smith. Nesse capítulo é apresentada a conceituação do aspecto e suas duas principais formas de expressão: os pontos de vista e os tipos de situação, limitando a categoria de pontos de vista ao ponto de vista perfectivo, foco deste trabalho. No terceiro capítulo, é apresentada então, uma análise do Presente Perfeito Simples à luz da teoria aspectual.

O capítulo quatro trata da metodologia utilizada para esta investigação. Nesse, há uma descrição do instrumento de coleta de dados, do contexto da pesquisa em que os dados foram coletados, bem como dos alunos e do material utilizado no experimento. Os resultados numéricos e sua discussão são apresentados no quinto

capítulo. O trabalho é encerrado com a Conclusão, em que são feitas considerações finais e sugestões para a continuidade das pesquisas na área.

1 O PRESENTE PERFEITO SIMPLES EM INGLÊS

Ao adquirir uma nova língua os aprendizes, além de fazerem associações entre formas com significados e uso, devem também distinguir as formas semanticamente semelhantes, como é o caso em inglês do Presente Perfeito Simples e do Passado Simples. Embora esses dois tempos verbais sejam diferentes com relação a determinados aspectos, compartilham um traço semântico comum: a anterioridade. Ambos codificam situações anteriores ao tempo de fala, o que vem a ser um dos aspectos que dificulta a diferenciação entre os dois. (Bardovi-Harlig, 1997)

O objetivo deste capítulo é, portanto, através da apresentação das abordagens de alguns autores, ilustrar como as gramáticas pedagógicas e os materiais didáticos utilizados para o ensino de inglês como língua estrangeira abordam o Presente Perfeito Simples (PP) com o intuito de diferenciá-lo do Passado Simples (PS).

1.1 A diferenciação entre o Presente Perfeito Simples e o Passado Simples

Segundo Bardovi-Harlig (1997), o fato de o PP e o PS compartilharem do traço [anterioridade] tem levado muitos pesquisadores a argumentar que esses dois tempos verbais são idênticos em termos de condições de verdade. A maioria dos lingüistas acredita que as sentenças no Passado Simples e as sentenças no Presente Perfeito apresentam as mesmas condições de verdade, diferindo apenas em termos de inferências pragmáticas. Consideremos, por exemplo, as seguintes sentenças:

- (1). (a) *John has seen a ghost.*
- (b) *John saw a ghost.*

A argumentação seria: se o primeiro enunciado for verdadeiro, então o segundo também o é. De acordo com Hatav (1993), em uma abordagem pragmática não há diferença em termos de condições de verdade entre o Passado Simples e o Presente Perfeito, pois esse tipo de abordagem determina as condições de verdade temporais de uma sentença em termos de TF (tempo de fala) e TE (tempo do evento). As relações entre TF e TE são idênticas em (1 a) e (1 b), uma vez que em ambas frases TE precede TF. Entretanto, Hatav chama atenção para o fato de que as relações entre TE e TR (tempo

de referência) também participam na determinação das condições de verdade de uma sentença. No exemplo abaixo, fornecido por Heny (1982, in. Hataf, 1993), (2 a) é verdadeira apenas se dita em 12 de Junho de 1981, data em que o presidente foi atingido por um tiro, o que não ocorre com (2 b). Como em (2 a) o tempo real ainda é válido, 1981 ainda não acabou, é possível, pois, que outro atentado ocorra. É o Presente Perfeito que indica essa possibilidade de repetição uma vez que inclui o tempo presente.

(2). (a) *Reagan has only been shot once during 1981.*

(b) *Reagan was only shot once during 1981.*

Desse modo, a questão das condições de verdade demonstra ter poder explanatório relativo para a diferenciação entre PP e PS. O que parece haver, na verdade, são diversas variáveis contextuais que determinam o uso do Presente Perfeito.

1.2 Variáveis contextuais que determinam o uso do Presente Perfeito

1.2.1 Relevância Atual

Depraetere (1998), ao citar Brdovi-Harlig em seu artigo de 1997, afirma que a interpretação mais comum do Presente Perfeito

indica que o fator “relevância atual” constitui sua essência semântica.

A noção de relevância atual é definida por Comrie como a relevância contínua de uma situação passada. O significado do Presente Perfeito (PP) é, portanto, composto de componentes passados e presentes, pois, ao utilizarmos esse tempo verbal trazemos uma situação passada para o domínio do presente. De acordo com Bardovi-Harlig (1997), é exatamente neste ponto em que o PS se diferencia do PP. Embora estes dois tempos verbais compartilhem do traço [+anterior], eles se diferenciam com relação ao traço [relevância atual], em que o PP apresenta o traço [+relevância atual], e o PS, [-relevância atual]. Dependendo do contexto, o Passado Simples também pode apresentar o traço [+relevância atual], ainda que de forma mais opaca². No Presente Perfeito, entretanto, este traço é bem mais saliente.

Depraetere (1998), para demonstrar os diferentes sentidos semânticos do PP, faz uma análise do caráter resultativo desse tempo verbal, apresentando as diversas rotulações existentes. Os exemplos abaixo, junto das rotulações, bem como os comentários que seguem entre parênteses, são de sua autoria, e são apresentados apenas com o intuito de ilustrar algumas das diferentes denominações outrora

propostas aos usos do PP, as quais não representam com unanimidade entre os estudiosos as diferentes variáveis contextuais que determinam o uso deste tempo verbal.

1- *resultative* (estativo, existencial, presente retrospectivo)

I have had a bath.

2- *experiential* (existencial)

Have you ever been to Venice?

3- *'hot news' perfect* (perfeito de passado recente)

The Belgian government has fallen.

4- *indefinite perfect* (resultativo, onde a situação é totalmente situada anterior ao momento da enunciação (inclui os itens 1, 2 e 3 acima))

I have met him before.

5- *iterative perfect* (perfeito repetitivo)

He has lied several times so far.

6- *continuative perfect* (universal, perfeito de situações persistentes, inclui o presente)

I have lived here since 1982.

7- *declaratory perfect*

London has been repeatedly attacked by squadrons of German aeroplanes during the last few nights. (in: Kruisinga, 1925: 392)

² Este ponto é retomado na página 27, onde é abordada a importância do contexto de fala.

Depraetere (op.cit.) analisa estas diversas rotulações e afirma que não são suficientes para uma definição clara do PP. A autora, em busca de uma melhor conceitualização do PP, unifica os itens 1, 2 e 3 em apenas um: passado indefinido, o qual é diferenciado dos demais usos por preceder totalmente o tempo de fala. A autora afirma ainda que o item 7 não é reconhecido pela maioria dos lingüistas, tendo sido proposto somente por Kruisinga (1925). Sua descrição do PP tem por base fatores como a precedência do tempo de fala e a relevância atual. Existem, entretanto, outras variáveis que devem ser levadas em consideração quando da distinção entre PS e PP, as quais serão apresentadas ao longo desta seção.

Precedendo totalmente o tempo de fala ou não, o PP, de qualquer forma, apresenta relevância atual, que pode ser de caráter semântico ou pragmático, revelando, assim, a preferência subjetiva do usuário da linguagem por um tempo verbal que une, ou não, o passado a um ponto de vista presente. A escolha do uso do PP para se referir a uma situação passada implica que o usuário da linguagem considera haver algum tipo de conexão entre a situação ocorrida e o presente. Em (3 a), por exemplo, a atenção do falante se volta para o momento em que perdeu seu telefone celular, enquanto em (3 b) o falante volta sua atenção para o resultado presente de sua ação passada, e a

pergunta que provavelmente se sobrepõe a seus pensamentos é:
“*Where is it now?*”.

(3). (a) *Now where did I leave my cell phone?*

(b) *Now where have I left my cell phone?*

Podemos observar, através desses exemplos, que a opção pelo uso de PP ou de PS demonstra a perspectiva do usuário da linguagem, isto é, revela a orientação que o falante quer dar para a situação descrita, ou seja, se ele quer que seu interlocutor volte sua atenção para o evento passado em si ou para a relação que este evento passado compartilha com o presente.

Segundo Palmer (1965), a possibilidade de uso de Presente Perfeito ou Passado Simples para uma mesma situação ocorre porque os períodos de tempo indicados por esses tempos verbais se sobrepõem e, assim, a ação desempenhada no passado pode estar incluída em um período representado por qualquer um desses tempos verbais. O que determina a opção por um ou outro tempo verbal é presença, ou não, de relevância atual. Um período de tempo que inclua o presente, como é o caso do Presente Perfeito, é escolhido quando há características do momento presente que se ligam diretamente à atividade.

Convém ressaltar, contudo, que, embora a noção de relevância atual seja útil para explicar a escolha de enunciados como (3 a) e (3 b), alguns lingüistas acreditam que esta noção não seja objetiva o suficiente para explicar o uso do PP. De acordo com Klein (1992), a noção de relevância em si não é clara e sempre abre espaço para o usuário da linguagem encontrar um motivo pelo qual um evento apresenta relevância para o presente momento. Em (4), por exemplo, o Passado Simples está sendo usado pois a situação relatada representa um evento histórico. Sendo um evento histórico, um acontecimento remoto no tempo, faz-se necessário o uso do Passado Simples. Entretanto, podemos observar que os resultados desse evento ainda se fazem presentes:

(4). *Tobacco was brought to England by Sir Walter Raleigh.*

Ao recorrermos à definição de relevância proposta por Inoue (1979), em que ele a descreve como uma condição de repetição da situação descrita pela proposição (In. Bardovi-Harlig, 1997), veremos que a situação descrita em (4) não mais pode vir a ocorrer, ou seja, se temos uma definição objetiva de o que se entende por “relevância atual”, vemos então que esta é o fator determinante para que sentenças como (4) sejam restritas ao uso de PS.

A relevância, conforme o exposto, seja ela de caráter semântico ou pragmático, não é exclusiva das sentenças no PP, podendo advir do contexto de fala. Em (5), encontramos mais um exemplo de relevância atual de caráter pragmático, em que a opção pelo PS implica um distanciamento emocional ou psicológico do momento presente, provindo de um sentimento de que o evento está acabado, ou ainda, de que o usuário da linguagem quer, de certa forma, desconectar-se de laços que o prendiam ao compromisso. Em outras palavras, o uso do PS em (5) estabelece um distanciamento entre passado e presente, o que coloca a retomada do trabalho como um fator inviável. Entretanto, somente o contexto esclareceria isto.

(5). *I finished the work!*

Podemos observar, através de exemplos como (5) e (3), apenas para citar alguns, que o Presente Perfeito e o Passado Simples podem ser intercambiáveis se levarmos em consideração o usuário da linguagem e o contexto de fala. No Inglês Americano, o Passado Simples é usado com mais frequência do que o PP, mesmo em contextos em que o traço [+ relevância atual] se faz presente. O nível de formalidade da situação também vem a ser um outro fator determinante para a escolha entre PP e PS. Em contextos que requerem uma maior informalidade por parte do usuário da linguagem, normalmente o PS é encontrado com maior frequência de uso. Isto

ocorre porque, se estiver claro pelo contexto da fala que [+ relevância] é a variável contextual de maior visibilidade e que será utilizada para o ouvinte fazer o cálculo da intenção do falante; então, o PS poderá ser escolhido em detrimento do PP.

Interessantemente, materiais didáticos de reconhecida qualidade, que são amplamente usados em diversas instituições de ensino, não traduzem este tipo de informação. O enfoque do usuário da linguagem, fator importantíssimo para a escolha do tempo verbal adequado, dificilmente se encontra presente. Em Grammar in Use (Murphy, 1994), encontramos, entre outras, as seguintes explicações para a diferenciação entre PP e PS:

- a) É freqüentemente possível usar o Presente Perfeito ou o Passado Simples para a expressão de um acontecimento passado:

“I have lost my key. Have you seen it anywhere?”

ou: *“I lost my key. Did you see it anywhere?”*

- b) Não use o Presente Perfeito para relatar acontecimentos e ações que não estejam relacionadas com o presente (por exemplo, eventos históricos):

“The Chinese invented printing.”

“How many symphonies did Beethoven compose?”

No item (a), o autor apenas menciona a possibilidade de uso de ambos tempos verbais, entretanto ele não explica porque isso é possível, e nem mesmo, que há uma diferença de foco. A perspectiva dada pelo usuário da linguagem, ou seja, a orientação que ele dá aos eventos, não é utilizada para elucidar o diferente enfoque fornecido por estes dois tempos. O mesmo ocorre com o item (b), em que a expressão “relacionada com o presente” não é suficientemente precisa. Os efeitos da invenção da imprensa, assim como as sinfonias de Beethoven, ainda se fazem presentes, o que poderia levar o aprendiz a pensar que há uma conexão destes eventos históricos com o momento atual. Noções de caráter pragmático, tais quais a de relevância atual e a de possibilidade de re-ocorrência do evento, não são utilizadas para explicar a impossibilidade do uso do PP em (b).

1.2.2 Passado Recente

Jacobs (1995) afirma que a função de passado indefinido do PP refere-se a eventos recentes o suficiente para serem novos e relevantes ao presente e, dessa forma, conecta o presente ao passado. Segundo o autor, esta função do PP é, por vezes, chamada de “*hot news*” usage. O tempo do acontecimento nunca é especificado em função de ser o presente a principal perspectiva. Daí o motivo de não se usar datas com o Presente Perfeito: segundo o autor, a data refere-se ao passado, o que contradiz a perspectiva de referência temporal presente indicada pelo uso do auxiliar *have* no presente.

Advérbios de tempo específicos, como datas, são, portanto, incompatíveis com a semântica do Presente Perfeito. De acordo com Bardovi-Harlig (1997), o uso do PP permite que o tempo do evento não seja mencionado, ao passo que o propósito do advérbio é identificar um tempo específico, fazendo com que os dois sejam semanticamente e funcionalmente inconsistentes.

A determinação dos advérbios com os quais o Presente Perfeito pode ocorrer é, segundo essa mesma autora, dada por sua semântica, a qual permite o uso do PP com advérbios temporais que possuam o traço [+presente], tais como *at present*, *up till now*, *so far* e *lately*. *Recently*, *already*, e *yet*, bem como *since*, também possuem este traço, podendo assim, ocorrer naturalmente com o PP.

Há, todavia, casos em que advérbios de tempo específicos são usados com o Presente Perfeito:

(6). *I've done this task this morning.*

Segundo Palmer (1965), os advérbios associados a tempo são os mesmos, tanto com as formas perfeitas quanto com as formas não-perfeitas. Isto significa que *last week* e *yesterday*, por exemplo, ocorrem com as formas passadas (perfeitas), ao passo que *now* e *at*

this moment ocorrem apenas com formas presentes (perfeitas). Expressões como *today* e *this morning* (6) podem ocorrer com ambos, PP e PS. O uso dessas expressões depende, contudo, do tempo de fala. Para que possamos usar advérbios de tempo específicos em uma sentença no PP, é necessário que a enunciação desta ocorra no mesmo período de tempo que ela descreve, do contrário, torna-se necessário o uso do PS. Seguindo os termos de Hatav (1993), ao usar advérbios de tempo que indicam intervalos pertencentes ao tempo de fala, os falantes selecionam o tempo de referência da sentença para o tempo do evento. Em (6), o usuário da linguagem parece usar o advérbio de tempo para modificar o tempo do evento a fim de restringir sua abrangência.

No material New Interchange 2 (Richards, 1997), um dos mais usados para o propósito de ensino de inglês como língua estrangeira, também encontramos explicações um tanto incompletas com relação a esse uso do PP. De acordo com o autor, o PS é usado para eventos completos em um tempo definido no passado:

“Did you eat snails at the restaurant last night?”

“Did you go out for dinner on Saturday?”

“I went to a Korean restaurant last week.”

Já o Presente Perfeito é apresentado para o uso relativo a eventos que ocorrem dentro de um período de tempo que se estende até o presente:

“Have you ever eaten snails?”

“Have you been to a French restaurant?”

“I’ve never been to a Greek restaurant.”

Com estas explicações e após a prática destes dois tempos verbais sob tais orientações, o aprendiz é levado a inferir que o PS é apenas usado em contextos em que há um tempo definido na sentença (no caso deste material, este é sempre um advérbio de tempo), e o PP, naqueles em que o tempo é indefinido. No material, não há menção ao fato de que o tempo pode estar definido sob outras formas que não sejam advérbios de tempo, tais como *last week, on Saturday*, etc. Sendo assim, não fica claro para o aprendiz que o contexto possa estar funcionando como um fator que determina um tempo específico, substituindo, dessa forma, a necessidade do uso do advérbio. O que vem a ser mais interessante, no entanto, é que na unidade seguinte do mesmo material, na página 33, há um texto em que o PS é usado sem considerar a orientação fornecida na página 21, a qual conduz à errônea inferência de que o PS somente será usado quando houver datas. Neste texto, que se encontra abaixo, a expressão *on a recent flight* funciona como um elemento determinante de tempo. No entanto,

o material não deixa claro que expressões como essas podem vir a determinar o tempo do evento, substituindo, por conseguinte, as datas. Após ser exposto a exemplos e atividades de prática em que todas as sentenças no PS contém datas, um aprendiz mais atento ao seu aprendizado poderia questionar a ausência de datas no texto a seguir, o que dificultaria sua compreensão em relação às estruturas em questão.

*“On a recent flight, Laura was chatting happily with the woman in the next seat – until the conversation **turned** to fares. The woman, who **bought** her ticket two months in advance, **paid** \$ 109. Laura **paid** the full fare of \$ 457. She **decided** that the next time she would find out how to travel for less.”*

Em Business Opportunities (Hollet, 1995), as explicações fornecidas são um pouco mais claras, embora não sejam totalmente elucidativas. Nesse material, a autora afirma que ambos, PS e PP, podem ser usados para ações que aconteceram no passado e que estejam terminadas, sendo o PP usado quando não sabemos, ou não estamos interessados em saber, quando essas ações ocorreram:

“I’ve been to Alicante several times.”

O Passado Simples nesse material é apresentado para ser usado quando nos referimos a uma ocasião definida:

“There was a big exhibition the last time I went.”

Constata-se, portanto, que essa autora apresenta aos aprendizes, ainda que de forma sutil, o enfoque do usuário da linguagem ao mencionar que o PP é usado quando não sabemos ou não estamos interessados em saber, quando as ações ocorreram. Sendo assim, a possibilidade de uso de ambos PS e PP, nesse material, está veiculada à perspectiva que se quer dar ao acontecimento. A questão do uso do PS com tempo definido, embora não sendo suficientemente precisa, é apresentada de forma mais abrangente, uma vez que não restringe a definição a uma data precisa, mas sim a uma ocasião. *The last time I went* representa uma ocasião definida, embora não haja menção de nenhuma data. Surpreendentemente, entretanto, na unidade seguinte do material, na página 88, o exercício proposto, ainda que contextualizado, abrindo espaço para que a perspectiva do usuário da linguagem seja levada em consideração, não propicia que as orientações acima sejam postas em prática, uma vez que enfatiza o uso do PS apenas com datas específicas:

*“The first branch of the body shop opened (open) **in 1976** in Brighton, England. We have now grown (now grow) into a worldwide organization with more than 1 000 stores. Since the beginning we have been (be) committed to activities that benefit communities on both local and global scale.*

*..... **In 1991**, we won (win) the UK Award for Employee Volunteering.*

..... *We have run (run) 21 campaigns to date,*

..... *In 1991, we funded(fund) the launch of a newspaper.....”*

1.2.3 Situação Persistente

O Perfeito de situação persistente descreve uma situação que iniciou no passado e se estende até o presente. Este sentido do PP é expresso através de um verbo de estado (Leech, 1987), que indica o envolvimento do tempo presente na situação:

(7). *We've lived in this city since last year.*

Este uso do Presente Perfeito, segundo Leech (op.cit.), é normalmente acompanhado por uma frase adverbial de duração: a ausência desta geralmente não indica nenhum estado, mas um evento em um passado indefinido. Todavia, há exceções. Em (8), por exemplo, o autor explica que fica subentendida a duração até o presente, pois aí está implícito o período *during his life*.

(8). *He's lived a good life.*

Existe um contraste entre o Perfeito de estado e o Passado, que fica evidente nos exemplos abaixo:

(9). (a) *He's lived a good life.*

(b) *He lived a good life.*

Em (9 a), a idéia subjacente é de que a pessoa ainda esteja viva, pois, ao usarmos um verbo de estado, como é o caso de *live*, com o Presente Perfeito, a implicação é de continuidade. Em (9 b), o uso do mesmo verbo em combinação com o Passado Simples implica que a pessoa não esteja mais viva.

Yule (1996), oferece uma explicação interessante para essas situações acima descritas. O autor afirma que, quando o sentido conceitual inerente ao verbo não é dinâmico e não tem um ponto final específico, como é o caso de *live* em (9 a) e (9 b), a retrospectiva externa do perfectivo não implica o completamento da ação, ou seja, quando temos verbos que demonstram estados usados com o aspecto perfectivo não há implicação de sentido de completamento. Entretanto, existem sentenças como (10), por exemplo, em que temos um verbo de estado e o sentido é de que a ação terminou.

(10). *I have owned a car before.*

Podemos afirmar, portanto, que os verbos de estado são flexíveis quanto à sua interpretação. De acordo com Celse-Murcia

& Larsen-Freemann (1999), quando combinados com o aspecto perfectivo, os verbos de estado sinalizam uma situação que pode ou não ter terminado no momento da fala. O que determina o término da situação em (10) é a presença do advérbio.

1.2.4 Passado Existencial

Com os verbos de evento, o Presente Perfeito pode se referir a um acontecimento indefinido no passado, relativo a experiências:

(11). *He's a man who has experienced suffering.*

Freqüentemente, essa leitura do PP é reforçada por advérbios, especialmente por *ever*, *never*, ou *before (now)*.

Por denotar um evento que ocorreu em alguma ocasião no passado, o Perfeito existencial, ou Perfeito de experiência, é também reconhecido como Passado Indefinido. A indefinição pode significar um número de eventos não especificado (11), ou ainda, tempo não especificado (12).

(12). *I've been to America three times.*

Portanto, segundo Leech (op.cit.), para que o significado do Perfeito de Experiência seja mais específico, ele deve ser: “pelo menos uma vez durante um período que conduz até o presente”. Essa definição quando aplicada aos exemplos anteriores nada acrescenta ao rótulo mais conciso de “Passado Indefinido”, porém, em um exemplo como o próximo, sua contribuição fica evidente:

(13). (a) *Have you visited Paul's exhibition?*

(b) *Did you visit Paul's exhibition?*

A sentença em (13 a) implica que a exposição de Paul ainda está acontecendo, enquanto que (13 b) gera a implicatura de que a exposição já se encerrou. De acordo com Michaelis (1994), um exemplo como (13) demonstra uma das distinções existentes entre o PS e o PP, envolvendo uma característica à qual a autora se refere como sendo uma implicatura convencional: a restrição da possibilidade presente. A autora cita McCawley (1971), entre outros, para explicar que o PP existencial requer que o episódio denotado seja capaz de ocorrer no tempo presente. Sendo assim, a sentença (13 a) convencionalmente implica que o evento denotado pode re-ocorrer no tempo presente. Sendo assim, a restrição da possibilidade presente caracteriza fortemente o PP, ao passo que no PS, essa possibilidade vem a ser bem mais atenuada.

Uma outra distinção importante existente entre o PP e o PS diz respeito aos antecedentes temporais. Segundo Michaelis, o Passado Simples pode ser caracterizado por ter um antecedente temporal que pode ser tanto lingüístico quanto extralingüístico. Dessa forma, o enquadramento de tempo ao qual o PS se refere é um intervalo salientemente limitado que pode ser colocado em uma localização particular na linha de tempo, i.e., identificável, e é ativado ou acessível no contexto do discurso. O caráter do enquadramento temporal do Passado Simples emerge claramente quando contrastado com o PP existencial:

- (14). (a) *I went to Rio.*
(b) *I've been to Rio.*

A sentença em (14 a), por estar no PS, evoca um intervalo passado específico, podendo ser, provavelmente, uma resposta a uma pergunta relativa às atividades do usuário da linguagem durante o verão passado, por exemplo. Uma sentença como essa, segundo a autora, seria anômala como uma asserção inicial de um discurso. Para que pudesse ser considerada como tal, (14 a) deveria apresentar um advérbio temporal, tal como *two years ago*, a fim de ativar, então, um tempo passado particular dentro de uma representação da história que usuário da linguagem, ao proferir (14 a), sinaliza a intenção de construir. Em contraste, a sentença (14 b) não evoca algum intervalo

passado identificável. Essa sentença pode ser usada para denotar qualquer número de visitas ao Rio feito pelo falante. (14 b), ao contrário de (14 a), não requer que o receptor da mensagem evoque um tempo passado específico de ocorrência. Esse precisa apenas visualizar uma extensão geral de tempo, cujo limite é o tempo presente, dentro do qual, o limite temporal do evento denotado em questão ocorreu.

A distinção entre os tipos de referência passada exemplificados em (14) torna-se mais clara, segundo Michaelis, ao verificarmos a interação destes tipos de predicado com advérbios de frequência. Se adicionarmos a expressão *three times* a cada uma das sentenças em (14), o caráter específico de intervalo de tempo evocado não é modificado. Ou seja, (14 a) ainda se refere a um período passado definido (por exemplo, *last year*), embora este período não seja um ponto no tempo, mas um tempo complexo: um intervalo contendo diversas visitas ao Rio. No caso de (14 b), contudo, às vezes em que as visitas ao Rio ocorreram não são colocadas dentro de nenhum limite temporal. O tempo de ocorrência do evento ou às vezes em que ele ocorreu estão simplesmente colocadas antes do tempo de fala. Um exemplo análogo a (14) encontra-se abaixo:

(15). (a) *Did he ever call you?*

(b) *Has he ever called you?*

Em (15 b), *ever* refere-se a um intervalo cujo único limite vem a ser o tempo presente. A pergunta do falante pode se referir a qualquer momento anterior ao tempo de fala. Em (15 a), entretanto, a pergunta se refere a um período limitado anterior ao tempo de fala, que pode ser acessível no contexto do discurso, o que vem a ser um reflexo de que o PS refere-se a eventos passados singulares.

1.3 Síntese

Este capítulo apresentou uma análise do Presente Perfeito, ilustrando, através de exemplos retirados de materiais didáticos usados para o ensino de inglês como língua estrangeira, como essa informação chega ao aprendiz.

Pode-se observar, através das observações aqui apontadas, o quão importante vem a ser o contexto para a escolha do tempo verbal adequado: PS ou PP, o que contradiz uma grande parte dos materiais didáticos utilizados para o ensino de inglês com esse fim. Ao longo do capítulo foram apresentados alguns exemplos que refletem tal afirmação. Existem centenas de outros em diversos outros materiais, todavia, não sendo o propósito deste estudo a análise crítica de materiais didáticos, apenas alguns dos exemplos mais relevantes foram retratados a fim de demonstrar a complexidade do assunto sobre o qual se desenvolve a pesquisa.

Após a leitura deste capítulo, podemos observar que restam ainda algumas dúvidas com relação ao uso do PP. Conforme visto, diferentes lingüistas divergem quanto às explicações no que diz respeito aos usos do PP. Muitas vezes, apenas o verbo lexical é utilizado para diferenciar os usos de PS e PP, entretanto, ele parece ser pouco explorado para tal. Os predicados das sentenças também não parecem ser devidamente analisados para dirimir dúvidas bem como, muitas vezes, informações de caráter pragmático, que são de suma importância para um maior esclarecimento do tema em questão, se fazem ausentes. Em fim, este parece ser um tema tão complexo e, ao mesmo tempo tão rico, a ponto de nunca parecer suficientemente explorado. A maioria das explicações aqui ilustradas tende a tratar as formas verbais como se correspondessem diretamente às propriedades semânticas de referência temporal. Segundo Jacobs (1995), formas e significados deveriam ser tratados como dimensões distintas, visto que as referências temporais diferem entre línguas. As formas verbais estão relacionadas às noções de tempo verbal e aspecto, ao passo que os significados dizem respeito à referência temporal.

No próximo capítulo, é apresentada, portanto, uma análise teórica do Aspecto, ligando-o à questão temporal, na tentativa de proporcionar maior poder explanatório ao tema em questão.

Os usuários de uma linguagem natural, com competência lingüística, possuem a capacidade cognitiva de descrever os acontecimentos e as mudanças que ocorrem no mundo (Meulen, 1995) de forma mais ou menos precisa. Obviamente, as escolhas dos tempos e dos aspectos verbais são de grande importância para essas descrições. Ambos, tempo verbal e aspecto são noções que se referem à temporalidade dos eventos, porém, sob diferentes perspectivas.

Neste capítulo é feita, em primeiro lugar, uma distinção entre tempo e aspecto. A seguir, são apresentadas as duas principais formas de expressão do aspecto: os pontos de vista e os tipos de situação, limitando a categoria de pontos de vista ao ponto de vista perfectivo, que vem a ser o foco deste trabalho. Na seqüência, há uma análise da relação existente entre pontos de vista, tipos de situação e contexto.

Aspecto, segundo Comrie (op.cit.), refere-se à gramaticalização da expressão dos componentes temporais internos, isto é, o aspecto especifica a estrutura temporal interna da situação, ou seja, a forma a partir da qual a situação é percebida ou vivenciada. Portanto, a diferença entre (16 a) e (16 b), abaixo, é uma diferença de tempo, enquanto em (17 a) e (17 b), temos uma diferença de aspecto.

(16). (a) *Mary is working.*

(b) *Mary was working.*

(17). (a) *Mary worked.*

(b) *Mary was working.*

Em (16 a) e (16 b), as situações estão localizadas em diferentes pontos do centro dêitico. O auxiliar *is* demonstra que a situação é simultânea ao tempo de fala e, conseqüentemente, presente; ao passo que *was* coloca a situação em um ponto anterior ao tempo de fala, ou seja, passado.

Por outro lado, a diferença entre (17 a) e (17 b) não é uma diferença de tempo, mas sim, de aspecto, pois ambas ocorreram anteriormente ao tempo de fala; estando, dessa forma, colocadas no mesmo ponto do centro de referência, porém apresentando diferentes contornos internos. A diferença aspectual está relacionada à maneira

como o falante vê o evento. Em (17 a), há uma visão total do evento, a situação é vista pelo falante como um evento completo; enquanto que em (17 b), a visão é parcial, o falante vê apenas uma das etapas que compõe a situação, a qual é vista como um processo em andamento, ou seja, um intervalo de uma atividade, que não representa nem o início, nem o fim da mesma.

O tempo verbal é, portanto, distinto do aspecto na medida em que o primeiro serve para relacionar o tempo real de uma situação descrita ao tempo de fala, ao passo que o segundo serve para que possamos distinguir se o usuário da linguagem está se referindo ao início, ao meio, ou ao fim de um evento; se o evento é único ou repetido; ou ainda, se o evento é apresentado como completo ou possivelmente incompleto. Esses são os diferentes contornos internos de uma situação.

2.2 O conceito de aspecto

O estudo do aspecto não apenas apresenta uma longa trajetória, mas também, mais de uma tradição de investigação. A questão da definição de aspecto é extremamente complexa e vem sendo objeto de estudo por parte de muitos estudiosos que nem sempre concordam. Binnick (1991), por exemplo, faz uma análise complexa das diferentes definições de aspecto, apontando para diversas divergências entre autores como Freed, Woisetschlaeger, Comrie, Holt, Bybee, Lyons,

Johnson, Reichenbach, Chung and Timberlake. Entretanto, não sendo o objetivo deste estudo uma análise teórica do que seja aspecto, são apresentadas apenas algumas das definições mais importantes, sendo selecionada a mais adequada aos propósitos desse trabalho, a qual é utilizada como parâmetro.

Tradicionalmente, aspecto se refere a pontos de vista gramaticalizados tais como perfectivo e imperfectivo. Contudo, em consequência de estudos recentes por parte de autores como Dowty, Henrichs, Dry, Bach e Smith (Binnick 1991), a relação existente entre o ponto de vista e a estrutura da situação tem sido fortemente apoiada, trazendo, assim, uma maior abrangência para o termo 'aspecto'. Atualmente o termo foi ampliado a fim de incluir as propriedades temporais da situação ou tipos de situação (Smith, 1997).

Segundo Binnick (1991), o conceito de aspecto entrou para as gramáticas ocidentais a partir de estudos da gramática eslava. O termo representa uma tradução da palavra russa *vid*, que significa "vista", daí a inclusão de termos como 'visão', ou 'ver', na definição de muitos estudiosos, tais como Andersen (1989, 1991), Comrie (1976), Dowty (1979), Smith (1983, 1991, 1997), Flores (1999). Para esses autores, aspecto vem a ser uma categoria não-dêitica que se refere à maneira como tempo interno de uma situação é visto. Comrie (1976), por

exemplo, define aspecto como “diferentes maneiras de ver a constituição interna da situação”.

Smith (1997) apresenta uma abordagem cognitiva para a questão do aspecto, segundo a qual o aspecto é um domínio semântico expresso em categorias lingüísticas. Isso significa que os diferentes contornos internos de uma situação, ou significados aspectuais, são gramaticalizados em categorias lingüísticas, a saber: os pontos de vista (perfectivo ou imperfectivo) e os tipos de situação (evento ou estado). Essas duas categorias, que compõem o que a autora denomina de “A Teoria dos dois Componentes”, veiculam informações sobre aspectos temporais da situação como início, fim, mudança de estado e duração. O que confere a perspectiva temporal à sentença é o ponto de vista selecionado pelo falante, que pode fornecer uma visão parcial (18 a) ou total (18 b) da situação.

- (18). (a) *Mary is making a cake.* (ponto de vista imperfectivo)
(b) *Mary made a cake.* (ponto de vista perfectivo)

Em (18 a), o ponto de vista imperfectivo, também chamado por muitos de progressivo, denota uma atividade em andamento e é expresso morfologicamente através da cópula *be* usada em conjunto com o sufixo *-ing*. Esse ponto de vista, que não abrange somente o aspecto progressivo, focaliza apenas parte da situação, não incluindo

seu início ou término. Por outro lado, ao usarmos o ponto de vista perfectivo, como em (18 b), focalizamos a situação em sua totalidade, incluindo início e término.

As situações podem ser expressas através de mais de um ponto de vista, de acordo com a escolha do usuário da língua, conforme ilustrado pelos exemplos acima; ou ainda, podem ser apresentadas com diferentes características temporais, conforme ilustram os exemplos abaixo, fornecidos por Smith (op.cit.):

- (19). (a) *The ship moved* (evento)
(b) *The ship was in motion* (estado).

Em (19 a) e (19 b), o ponto de vista é o mesmo (perfectivo); porém, o tipo de situação é diferente. Os tipos de situação são fornecidos pelas formas lingüísticas que aparecem na sentença, isto é, o verbo principal e seus complementos, incluindo o sujeito. Em (19 a), a situação é vista como dinâmica, consistindo em estágios sucessivos, sendo, assim, classificada como um evento; o que não ocorre em (19 b), em que o acontecimento é visto como estático, não envolvendo mudança e perdurando por um determinado tempo. Situações que apresentam esses tipos de características são classificadas como estados. O tipo de situação é, por conseguinte, o resultado da escolha

do verbo lexical e seus argumentos, ao passo que o ponto de vista vem a ser a escolha entre perfectivo e imperfectivo.

A teoria de Carlota Smith (1997) propõe que as sentenças apresentam informações sobre o tipo de situação aspectual (evento ou estado) e ponto de vista (perfectivo ou imperfectivo), sendo o significado aspectual de uma sentença a combinação da informação dos dois componentes: ponto de vista e tipo de situação. O usuário da linguagem escolhe o ponto de vista e o expressa através de sentidos explícitos e implícitos.³

Segundo Smith (op.cit.), o domínio do aspecto possui um componente subjetivo de extrema importância, que é a escolha do usuário da linguagem, visto que ele pode apresentar a situação da maneira que deseja (19 a e b). Por desejar apresentar a situação sob um certo ponto de vista, ou com determinado enfoque ou ênfase, o usuário da linguagem faz uma escolha aspectual, que é, entretanto, limitada pela categorização convencional, pela pragmática e pelo compromisso com a verdade. As condições de verdade normalmente determinam a escolha do aspecto, mas não a limitam. Sendo assim, as convenções pragmáticas e seus princípios se fazem necessários para explicar algumas escolhas aspectuais que envolvem diversas considerações, entre as quais, informações partilhadas pelos usuários

³ Nas seções 2.3 e 2.4 há uma descrição mais detalhada destes conceitos.

da língua. Sendo assim, a escolha do usuário é feita de acordo com a gramática e convenções pragmáticas de uso da língua.

A teoria apresentada por Smith não apenas lida com informações semânticas e pragmáticas, mas também inclui informações originadas por inferências, mostrando-se, por conseguinte, ideal para o estudo do aspecto, uma vez que desenvolve uma representação da informação que o discurso veicula ao mesmo tempo em que envolve o contexto em que a informação aparece, contemplando assim aspectos pragmáticos. Essa teoria demonstra que os conceitos aspectuais se relacionam a outros conceitos, como o conceito temporal e a noção de significado de discurso, incluindo a idéia de que a maneira através da qual a informação é apresentada pode contribuir para seu significado. Isso vem a ser um ponto fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, posto que o Presente Perfeito Simples, foco deste estudo, e o Passado Simples, representam diferentes maneiras de apresentar uma situação passada, contribuindo de diferentes formas para o seu significado.

2.3 Aspecto da situação

Os pesquisadores na área de aquisição da linguagem reconhecem que, para o usuário de uma segunda língua poder se expressar nessa língua, é necessário que ele saiba qual o valor semântico de seus pontos de vista, gramaticalizados nessa L2, e sua

distribuição conforme os tipos de situação, embora nem todos concordem com a definição de situação e de suas respectivas categorias.

A distinção conceitual mais comum entre as propriedades do aspecto da situação é feita em termos de dinamismo, duração e telicidade. Convém ressaltar, porém, que nem todos os pesquisadores compartilham os mesmos conceitos. Entretanto, a maioria reconhece a classificação das situações nas categorias propostas por Zeno Vendler (1967). Essa classificação, que data de Aristóteles, foi desenvolvida e refinada por Ryle (1949), Vendler (1967), Dowty (1979), Kenny (1963), e outros (apud Smith 1983); e mais tarde veio a ser retomada por Comrie (1976), Dowty (1979), Mourelatos (1981) e Smith (1991, 1997).

Ryle (op.cit.) inicialmente propôs os termos *achievements* para verbos resultativos como *die, lose (something), find (something)*, e *activities* para os não resultativos como *hunt, listen, keep (a secret)*, observando que existem resultativos que são associados a tarefas como *paint a picture, build a house*. Kenny (1963) contribuiu com critérios mais lógicos e gramaticais. Baseado nos trabalhos de Aristóteles, Kenny introduziu uma classificação composta apenas por *states, activities* e *performances*, que por sua vez agrupam os resultativos simples e os resultativos associados a tarefas em apenas

uma categoria. Zeno Vendler (op.cit.) desenvolveu, então, um esquema composto por quatro categorias de diferenciação, a saber: *states*, *activities*, *achievements* e *accomplishments*, que equivalem aos *achievements* associados a uma tarefa, propostos por Ryle. Já Carlota Smith, contribuiu com a inclusão do termo *semelfactive*, que equivale a um *achievement* sem resultados. Dentro de sua proposta existem cinco categorias de diferenciação para o aspecto da situação.

O aspecto da situação é também chamado de aspecto semântico por Comrie (1976), ou ainda, de aspecto lexical por alguns estudiosos como Robison (1990), por exemplo. Robison afirma que o aspecto lexical engloba as características temporais da situação em si, independentemente da linha do tempo. Nos exemplos a seguir, pode-se observar que cada predicado tem um aspecto inerente determinado por seu significado, independente da linha do tempo ou codificação gramatical. Ambas as sentenças apresentam o mesmo ponto de vista (perfectivo); porém, o significado lexical expresso em cada uma delas é diferente.

- (20). (a) *Paul opened the door.* (evento)
 (b) *Most of the students knew the answer.* (estado)

Em (20 a), temos uma situação dinâmica, classificada como evento; mais precisamente, este tipo de evento é classificado como um *achievement*, ou realização instantânea, e denota a realização

instantânea de uma atividade que leva a um fim, a obtenção ou consecução de um objetivo em um curto espaço de tempo. Em (20 b), temos um acontecimento estático, que não envolve mudança, ou seja, um estado. Esses traços, dinamicidade e estaticidade, estão presentes no predicado da sentença independentemente do ponto de vista escolhido pelo falante para apresentar a situação.

O aspecto lexical se refere às características temporais inerentes à semântica do predicado em sua forma lexical. Isso significa que o verbo e os complementos e advérbios a ele associados, juntos, indicam o aspecto lexical da sentença. Em outras palavras, o aspecto lexical reside no sentido de um predicado, não em sua referência ou em um verbo isolado (Robison, 1995). As sentenças abaixo, por exemplo, possuem o mesmo verbo, porém, apresentam diferentes predicados, o que faz com que sejam classificadas de diferentes formas.

(21). (a) *John walked in the mall.*

(b) *John walked to his office.*

Em (21 b), o evento apresenta uma meta e é duradouro, sendo por conseguinte, classificado como um *accomplishment*, ou realização duradoura. Já a sentença em (21 a), também constitui um evento duradouro, porém é classificada como *activity*, ou atividade, visto que

não há uma meta a ser atingida, ou seja, (21 a) apresenta uma atividade que pode ser interrompida e retomada, conforme a decisão do agente ou então interrompida ou retomada pela interferência de uma segunda pessoa que não o sujeito.

Smith (1997) usa o termo aspecto da situação para se referir ao que alguns pesquisadores chamam de aspecto lexical e apresenta o termo situação como neutro, definindo-o como “algo entre evento e estado”. De acordo com a autora, o tipo de situação de uma sentença indiretamente classifica o evento ou estado sobre o qual se fala de acordo com as propriedades temporais, o que vem a ser algo necessário para os usuários da linguagem apresentarem uma situação real.

A autora identifica cinco tipos de situação que apresentam as características temporais de dinamismo, duração e telicidade como traços de diferenciação.⁴ São elas: estados (*states*), atividades (*activities*), realizações duradouras (*accomplishments*), realizações instantâneas (*achievements*), e semelfactíveis (*semelfactives*).⁵

⁴ Na seção 2.3.2 há uma descrição detalhada de cada um dos tipos de situação. Antes de descreve-los, entretanto, faz-se necessário uma análise das características temporais que os diferenciam, presente na próxima seção.

⁵ As traduções são de autoria do pesquisador.

2.3.1 Características temporais dos tipos de situação

Dentre os possíveis tipos de situação, de acordo com Smith (1983), temos eventos e estados. Atividades, realizações duradouras e instantâneas, e semelfactíveis, por serem dinâmicos, são considerados eventos. Já os estados, assim são considerados por não apresentarem mudança. A diferença fundamental entre eventos e estados gira em torno de sua estrutura interna, isto é, as propriedades temporais de dinamismo, telicidade e duração distinguem os tipos de situação básicos acima mencionados. Classificadas como características semânticas, essas propriedades formam três pares de contraste.

2.3.1.1 Estático / dinâmico:

O traço semântico *estático* denota um período indiferenciado, homogêneo. *Dinâmico* denota estágios consecutivos, que podem se constituir em um estágio incipiente, inicial, intermediário ou final. A distinção entre estaticidade e movimento é fundamental, uma vez que divide os tipos de situação em estados e eventos. Eventos são dinâmicos, ou seja, consistem de estágios sucessivos que ocorrem em diferentes momentos. Conforme Comrie (1976), eventos são dinâmicos por estarem continuamente sujeitos a novas cargas de energia. Já os estados são definidos como situações involuntárias que não requerem energia para se manter. Estados podem ser definidos como situações estáticas que se mantêm, não envolvendo mudança.

(22). (a) *Mary is painting a picture.* (dinâmico)

(b) *Mary knows French.* (estático)

2.3.1.2 Télico / atélico:

Eventos podem ser télicos ou atélicos. Eventos télicos têm uma mudança de estado que se constitui em um resultado, ou obtenção de um objetivo ou meta. Quando a meta é atingida, uma mudança de estado ocorre e o evento está completo (Garey,1957). Eventos atélicos são simplesmente processos. Eles podem cessar a qualquer momento pois não há resultado, ou seja, seus inícios e terminos são arbitrários.

(23). (a) *Mary is painting a picture.* (evento télico)

(b) *Mary is walking.* (evento atélico)

2.3.1.3 Duradouro / instantâneo:

As situações podem ser duradouras ou instantâneas. Essa noção de 'instantâneo' é apenas conceitual pois um evento toma tempo, ainda que mínimo, para ser realizado, podendo durar vários segundos (*win a race*) sem deixar, entretanto, de ser categorizado como instantâneo. Uma situação é considerada duradoura quando perdura por um tempo que não poderia ser caracterizado como fração. A duratividade é indicada pela presença de estágios internos que marcam diferentes etapas de desenvolvimento em um esquema temporal. Situações instantâneas não são compostas por diferentes

estágios, mas apresentam estágios minimamente diferenciados pela exigüidade do tempo de ocorrência, podendo-se dizer que início e término se confundem no sentido em que a culminância do evento é o fator de maior saliência, de maior relevância, e não as etapas que levaram ao término da situação. As situações instantâneas são, portanto, pontuais, isto é, ocorrem instantaneamente.

- (24). (a) *Mary cleaned the house.* (evento duradouro)
(b) *Peter won the competition.* (evento instantâneo)

Smith (1997) chama atenção para o fato de que a duratividade não é considerada como uma propriedade essencial por alguns estudiosos, tais como Mourelatos (1981). Isso ocorre devido à dificuldade que existe ao se definir uma situação pontual. Ao analisarmos um evento instantâneo, por menor que este seja, assim como *cough*, ou *reach the summit*, percebemos que todos os eventos podem durar por alguns milissegundos, ou seja, ocupam um ponto no tempo. Sendo assim, dentro desta perspectiva, eventos pontuais, ou instantâneos, não poderiam existir. Contudo, a autora afirma que uma vez que a instantaneidade é evidentemente gramaticalizada em muitas línguas, parece razoável analisá-la como uma categoria lingüística. Comrie (1976) parece compartilhar da mesma idéia, pois afirma que muitas línguas reconhecem uma classe de verbos que, sob circunstâncias normais, podem apenas se referir a situações pontuais,

sugerindo que a pontualidade seja uma categoria lingüística válida, apesar das aparentes dificuldades que surgem na distinção das situações pontuais ou instantâneas.

As características temporais que distinguem os tipos de situação são resumidas por Smith da seguinte forma, em termos binários:

Situações	Características		
	Estática	Duradoura	Télica
..			
Estados (<i>States</i>)	[+]	[+]	[-]
Atividades (<i>Activities</i>)	[-]	[+]	[-]
Realizações duradouras (<i>Accomplishments</i>)	[-]	[+]	[+]
Semelfactíveis (<i>Semelfactives</i>)	[-]	[-]	[-]
Realizações instantâneas (<i>Achievements</i>)	[-]	[-]	[+]

(Smith, 1997)

2.3.2 Os tipos de situação

Após definido o aspecto da situação no ítem 2.3 e descritas as características temporais dos tipos de situação em 2.3.1, passemos agora aos tipos de situação.

De acordo com Smith (1983) existem dois tipos de situação: eventos e estados. O termo *evento* é usado coletivamente para se referir a atividades, realizações duradouras e instantâneas, e

semelfactíveis, posto que todos são dinâmicos e envolvem mudança de estado. Estados são assim considerados por não apresentarem mudança.

2.3.2.1 Atividades:

Verbos que caracterizam atividades descrevem uma ação em andamento e, portanto, envolvem duração. Atividades apresentam não apenas o conceito de mudança como uma característica essencial, mas também um início e um final indefinido. Eventos como *walk in the park*, por exemplo, ocorrem em períodos indefinidos de tempo, são dinâmicos e requerem algum tipo de energia para sua manutenção. Suas características temporais são representadas pelos traços semânticos: dinâmico, atélico, duradouro.

Smith (1983) afirma que atividades são eventos homogêneos cujos estágios não diferem entre si, podendo começar e terminar arbitrariamente, em qualquer estágio. Verbos como *walk, run, study, play, swim, work, write, eat, etc.*, são alguns exemplos de atividades, pois todos apresentam as características acima. São todos processos que envolvem atividade física ou mental, cujo término é um limite temporal, explícito ou implícito, que pode ou não ser arbitrário. Embora seus pontos iniciais e finais envolvam a mudança de / para um estado de descanso, os estágios que compõem as atividades são

considerados homogêneos por não diferirem. Em outras palavras, qualquer parte do processo é semelhante ao todo. (Vendler, 1967)

Há dois principais tipos de atividades. Uma classe consiste de processos que são ilimitados, tais como *sleep*, *push a cart*, *laugh*. Uma outra classe apresenta muitos estágios internos indefinidos, como em *eat grapes*.

As atividades podem ainda envolver seres animados e eventos de movimento, atividade e/ou volição; processos climáticos tais como *rain* ou *snow*; ações como *vibrate* ou *rotate*; ações não extensinais como *seek*, *look for*; percepção física (Dowty 1979).

2.3.2.2 Realizações duradouras:

Realizações duradouras (*accomplishments*) consistem em um processo que culmina em um resultado, ou em mudança de estado. A mudança de estado é o completamento do processo. Realizações duradouras são finitas, intrinsecamente limitadas. Suas características temporais são: dinamicidade, telicidade e duração. Esses tipos de eventos possuem estágios sucessivos nos quais o processo avança para o seu término natural e resultam em um novo estado. Diz-se que as realizações duradouras finalizam, ou são completadas, enquanto atividades são suspensas. Os seguintes exemplos ilustram esta afirmação:

(25). (a) *Mary finished writing the letter.* (realização duradoura)

(b) *Mary stopped swimming.* (atividade)

Em (25 a), se substituirmos o verbo *finish* por *stop*, a implicação é que o evento não está completo, ou seja, não há uma carta pronta. O ponto final de uma realização duradoura apenas ocorre quando o evento está completo. Ao dizer *Mary wrote a letter*, por exemplo, não podemos pensar em Mary continuando a escrever a mesma carta, pois presume-se que o evento esteja completo. Porém, o mesmo não ocorre com *Mary swam*.

Realizações duradouras, assim como atividades, descrevem uma ação em andamento e, portanto, envolvem uma certa duração, porém, não descrevem eventos homogêneos e apresentam um início e um final bem definido. Em *Mary made a cake*, os estágios que compõem o processo de fazer um bolo não são todos iguais, daí a heterogeneidade do evento, cujos pontos iniciais e finais não são arbitrários. O ponto final representa o término do processo, que, por sua vez, é caracterizado por uma mudança. *Make a cake*, *draw a picture* e *grow up* são alguns exemplos que ilustram essas características.

Existe uma relação entre o processo e o resultado de uma realização duradoura. Diz-se que se o resultado de uma realização duradoura é atingido, então o processo ocorreu. O resultado de uma

realização desse tipo é uma mudança para um novo estado, ou um evento duradouro, ou a mudança de um evento para um estado de repouso (Dowty, 1977). As sentenças abaixo ilustram essa afirmação.

(26). (a) *We have built a house.*

(b) *They broke a window.*

(c) *Paul amused Jane.*

2.3.2.3 Realizações instantâneas:

As realizações instantâneas (*achievements*), assim como as realizações duradouras (*accomplishments*), não são homogêneas e apresentam pontos iniciais e finais bem definidos; entretanto, verbos que denotam esse tipo de evento não apresentam duração. As realizações instantâneas, ao contrário das duradouras, são eventos que não tomam tempo. Smith (1997) considera que os estágios preliminares ou resultantes do evento são a ele associados, porém não fazem parte dele. Realizações instantâneas são compostas por um único estágio e são dissociadas de qualquer processo, embora muitas realizações possuam estágios preliminares a eles associados. Observe os seguintes exemplos:

(27). (a) *Mary made a cake.* (realização duradoura)

(b) *Mary opened the door.* ... (realização instantânea)

Em (27 a), observamos que o processo é composto de diferentes estágios, sendo o estágio inicial diferente do final. Ao enunciarmos uma sentença como (27 a), estamos nos referindo à totalidade do evento, o que envolve todos os seus estágios internos, bem como a sua completude. Já em (27 b), também nos referimos à totalidade do evento e observamos que o estado preliminar é diferente do estado resultante; entretanto, o evento não apresenta duração, sendo, conseqüentemente, classificado como uma realização instantânea.

2.3.2.4 Semelfactíveis:

Semelfactíveis (*semelfactives*) são descritos por Smith (op.cit.) como eventos de um único estágio sem resultados, apresentando os traços: dinamicidade, atelicidade e instantaneidade. Esses são os tipos mais simples de eventos, consistindo em apenas uma ocorrência, sendo intrinsecamente limitados e também instantâneos. Semelfactíveis típicos são eventos que ocorrem com demasiada rapidez, incluindo eventos corporais como *blink*, *cough*; e ações como *tap*, *peck*, *scratch*, *pick*. Esses eventos normalmente ocorrem em seqüências repetitivas, em vez de eventos de um único estágio, e são chamados de atividades de múltiplos eventos devido à presença de um advérbio ou a alguma outra informação, como em (28 a) abaixo,

exemplo fornecido por Smith. A expressão *for five minutes* indica que houve várias ocorrências instantâneas na composição do evento.

(28). (a) *Mary knocked on the door for five minutes.*

Por denotarem eventos instantâneos, os semelfactíveis são limitados em distribuição, ou seja, eles não aparecem em sentenças com o ponto de vista perfectivo com advérbios de duração, ou outras expressões de duração. Não obstante, a autora afirma que as sentenças que apresentam verbos semelfactíveis e características duradouras, como (28 a) não são agramaticais, mas sim, interpretadas como atividades de eventos múltiplos.

Ao contrário do que ocorre com realizações instantâneas ou duradouras, em que o resultado da realização de ambos vem a ser um estado diferente (27 a e 27 b), com os semelfactíveis não há um estado resultante. A diferença entre um semelfactível e uma realização instantânea reside no fato de que semelfactíveis, ao contrário de realizações instantâneas, são atélicos.

(29). (a) *Jane coughed.* (semelfactível)

(b) *Jane opened the door.* (realização instantânea)

Em (29 b), temos exemplos em que a autora ilustra um evento que apresenta um resultado após seu completamento: a porta está agora aberta; o que não ocorre em (29 a), em que não há um novo estado resultante do evento.

2.3.2.5 Estados:

Estados (*states*) são situações estáveis que duram por um momento ou intervalo, apresentando os seguintes traços: estaticidade e duração. A propriedade de duração faz parte dos estados, mesmo para os mais temporários.

Verbos de estado se aplicam a situações que são relativamente constantes ao longo do tempo e descrevem estados cognitivos tais como *know* e *understand*, por exemplo; emoções (*hate*, *dislike*, etc.), ou relações (*be*, *have*, etc.). Quando estes verbos são usados, não há uma ação sendo desempenhada por algum agente, ou ainda, um fim para o estado implicado (Yule, 1996).

Vendler (1967) afirma que os verbos de estado se aplicam não apenas a qualidades (*be married*, *be rich*, etc.) e às então chamadas 'operações imanentes' da filosofia tradicional tais como *desire*, *know* e *love*, mas também incluem hábitos assim como ocupações, habilidades e disposições.

Celse-Murcia & Larsen-Freemann (1999) classificam os verbos de estado nas seguintes subcategorias:

- Percepção sensorial: *smell, see, hear, taste, feel*
- Percepção mental: *know, believe, think, understand, mean, doubt*
- Posse: *possess, have, own, belong*
- Emoções, atitudes e opiniões: *like, love, hate, dislike, want, desire, need, prefer, appreciate, doubt, feel, wish*
- Mensuração: *equal, measure, weight, cost*
- Relação: *contain, entail, consist of*
- Descrição: *be, resemble, sound, appear, seem, look*

Convém salientar que diversos verbos podem aparecer em mais de uma destas categorias, como *doubt*, por exemplo, dependendo de seus sentidos.

(30). (a) *I doubt he is going to call.* (opinião)

(b) *You cannot doubt your existence.* (percepção mental)

Uma outra importante característica dos verbos de estado é que estes não envolvem mudança. Conforme Comrie (1976), esses verbos não apresentam dinamicidade. Em *Mary prefers chocolate to candies*, por exemplo, observamos que não há nenhum tipo de mudança na situação, ou ainda, nenhum tipo de energia é requerido para que a situação continue ocorrendo. Esta vem a ser a

diferença básica entre estados e atividades: verbos de estado descrevem eventos que não podem ser classificados como ações por não possuírem uma dinâmica interna e apresentarem uma duração indefinida, sem um ponto final específico.

Entretanto, Smith (1983) questiona esse tipo de descrição dos estados, apresentando exemplos em que temos verbos de estado com pontos finais específicos:

- (31). (a) *The doctor agreed after he understood the problem.*
(b) *He promised to go before she was angry.*

Segundo Smith (op.cit.), verbos de estado apresentam pontos iniciais e finais em casos como estes devido ao sentido lexical dos conectivos. “O sentido lexical dos conectivos requer uma interpretação sucessiva das situações, e o aspecto progressivo não permite isto.”

Um outro ponto a ser considerado é que, de acordo com a maior parte da literatura sobre o aspecto, uma característica essencial dos verbos de estado é o fato de estes não aceitarem o aspecto progressivo. Portanto, frases como *I am knowing the answer*, por exemplo, são consideradas como agramaticais. Não obstante, Smith aponta que esta caracterização dos estados ignora uma grande

classe de sentenças no inglês que parecem falar sobre situações estáveis, mas tem o auxiliar progressivo.

Consideremos a seguinte afirmação:

(32). (a) *I am hating this talk!*

Segundo Comrie (1976), uma sentença como essa é possível porque há muitos verbos que são tratados ora como estados, ora como eventos, dependendo de seu sentido específico na sentença. Smith (op.cit.), entretanto, apresenta uma interpretação diferente para tal fenômeno. De acordo com a autora, embora esta sentença apresente a maior parte das propriedades lexicais e sintáticas dos verbos de estado, ela não nos fala sobre uma situação estável, mas sim apresenta uma conotação temporária, o que vem a ser característica típica de eventos. Sendo assim, ao usarmos sentenças como essa, estamos apresentando um estado como um evento, isto é, estamos optando em falar sobre uma determinada situação sob uma forma diferente, o que representa uma escolha aspectual na apresentação lingüística do verbo, ou seja, uma escolha de ponto de vista. Convém ressaltar, entretanto, que nem todos os verbos de estado admitem essa interpretação de temporalidade.

2.4 Aspecto dos pontos de vista

Os pontos de vista são semelhantes em diferentes línguas, porém não são idênticos. Saber uma língua inclui o conhecimento do valor semântico dos pontos de vista e sua contribuição de acordo com os tipos de situação.

O aspecto do ponto de vista, também chamado de aspecto gramatical por muitos estudiosos, engloba as maneiras pelas quais as características temporais de uma situação são vistas (Robison, 1995).

De acordo com Smith, o aspecto de ponto de vista apresenta situações com uma perspectiva ou enfoque especial, como o foco da lente de uma câmara. O ponto de vista fornece uma visão total (33 a) ou parcial (33 b) da situação descrita.

(33). (a) *Jane has washed the dishes.*

(b) *Jane was washing the dishes.*

Na proposta de Comrie (1976), existem dois tipos de ponto de vista aspectual, aos quais o autor se refere como categorias de aspecto gramatical: perfectivo (33 a) e imperfectivo (33 b), que podem variar conforme a língua.

“...perfective looks at the situation from outside without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation” (Comrie, 1976)

Embora Smith (1997) adicione mais uma categoria à classificação de Comrie, o aspecto neutro, suas definições de perfectivo e imperfectivo seguem a distinção feita por Comrie. De acordo com a autora, as sentenças sob ponto de vista **imperfectivo** (34 b) focalizam apenas parte da situação, não incluindo início e término. Essas sentenças expressam o não completamento de uma ação ou estado em uma referência específica e, por apresentarem as situações como incompletas ou inacabadas, diz-se que são ‘abertas’ em termos de informação. Em outras palavras, elas apresentam partes de uma situação, focalizando algum estágio interno de uma situação, não fazendo referência clara a seus pontos iniciais ou finais. O aspecto imperfectivo refere-se explicitamente à estrutura temporal interna de uma situação. Em inglês, o ponto de vista imperfectivo é sinalizado através do uso do auxiliar *be* + o sufixo *ing*.

O aspecto **perfectivo** focaliza a situação em sua totalidade, incluindo início e término (33 a) e, portanto, é considerado ‘fechado’ em termos de informação.⁶

Sentenças que não têm um morfema gramatical explícito associado ao verbo principal de maneira a identificar seu ponto de vista, presentes em algumas línguas como chinês e navajo, não são consideradas perfectivas ou imperfectivas, mas sim, neutras. É importante ressaltar, entretanto, que o ponto de vista **neutro** não existe em inglês.

A análise dos pontos de vista proposta por Smith (op.cit.) baseia-se em evidências fornecidas por testes semânticos de significados expressos de maneira tradicional. A autora exemplifica esta afirmação com a seguinte sentença:

(34). *Mary was walking to school.*

Na interpretação de uma sentença imperfectiva como essa, um estágio interno do evento é visível. Esse tipo de sentença possui uma interpretação *aberta*, segundo a autora, por não denotar que um evento completo tenha ocorrido. As situações abertas mostram-se compatíveis com afirmações que dão a entender que a situação continua ou que foi encerrada sem ter sido completada. (35), por exemplo, evidencia que o evento não foi completado.

(35). *Mary was walking to school when she got killed.*

⁶ A seção 2.4.1 fornece uma explicação mais abrangente do ponto de vista perfectivo, foco deste estudo.

O ponto de término do evento não foi apresentado e o imperfeito denota o não completamento da ação. É possível concluir que o ponto de início do evento ocorreu, e esta inferência é resultante do fato de que parte do evento está visível.

É importante salientar que os pontos de vista existem com a finalidade de permitir que o usuário da língua fale sobre as situações sob mais de uma forma. Isto dá ao aspecto um importante componente subjetivo, o que vem a ser reconhecido por gramáticos de todas as tradições. Ao apresentar as situações sob um certo ponto de vista, foco ou ênfase, os falantes fazem escolhas de significados aspectuais. O significado aspectual de uma sentença reflete a decisão de um usuário da linguagem de apresentar os fatos sob uma determinada forma. Em (36 a), o fato é apresentado como estável e duradouro, ao passo que em (36 b), o fato é apresentado como temporário visto que apenas parte da situação está sendo enfocada.

(36). (a) *I love this class!*

(b) *I am loving this class!*

Para Smith (op.cit.), ao formular as sentenças os usuários da língua fazem escolhas, associando um acontecimento a um tipo de situação de acordo com as propriedades que são funcionalmente e

retoricamente salientes. O ponto de vista aspectual é escolhido com base na informação e convenções sociais. Uma escolha usual e padrão não é marcada. As escolhas consideradas marcadas são aquelas que tendem a ser mais complexas em termos de forma, que incluem associações incomuns entre as situações do mundo e os tipos de situações lingüísticas (36 b). As razões pelas quais os usuários da linguagem fazem tais escolhas são pragmáticas. Enquanto as escolhas padrão seguem princípios convencionais de associação (36 a), as associações marcadas os violam com o objetivo de expressar um significado especial (Grice 1975).

2.4.1 O ponto de vista Perfectivo

As sentenças com o ponto de vista perfectivo apresentam a situação como um todo. A extensão de um perfectivo inclui os pontos iniciais (I) e finais (F) da situação, ou seja, o perfectivo é 'fechado' em termos de informação. Smith (1997) apresenta a seguinte representação gráfica para demonstrar esta propriedade básica dos perfectivos:

I F
 ///////////////

Essa representação gráfica mostra o ponto de vista perfectivo não marcado. Sendo assim, ele não se aplica a situações estativas,

pois pontos iniciais e finais não aparecem no esquema temporal de uma situação de estado.

O ponto de vista perfectivo é freqüentemente chamado de aspecto simples por ser sinalizado pela forma simples do verbo principal e é incompatível com uma asserção de que o evento continuou. Considere a interpretação das sentenças não estativas com o ponto de vista perfectivo:

- (37). (a) *Mary ran.* (atividade)
 (b) *Jane made a cake.* (realização duradoura)
 (c) *Paul coughed.* (semelfactível)
 (d) *Susie won the race.* (realização instantânea)

Há dois pontos há serem observados com relação à interpretação dessas sentenças. Elas apresentam os eventos como fechados, com pontos iniciais e finais (para eventos duradouros) e os eventos são tidos como terminados ou completos dependendo do tipo da situação das sentenças. (a) e (c) apresentam eventos terminados, enquanto (b) e (d) apresentam eventos completos. As interpretações são devido ao significado semântico do aspecto simples e não a fatores pragmáticos. A seguir, a autora coloca as sentenças em contextos que não são compatíveis com as leituras acima:

(38). (a) # *Lily swam in the pond and she may still be swimming.*

(b) # *Mrs. Ramsay wrote a letter and she may still be writing it.*

As conjunções são contraditórias, demonstrando que as leituras fechadas são baseadas no significado semântico do aspecto simples e não em fatores pragmáticos.

Os pontos de vista expressos pelas sentenças perfectivas podem ter o sentido de completude ou término, apresentando interpretações que variam de acordo com o tipo de situação: atividades semanticamente expressam término (*Lily stopped swimming*), ao passo que realizações duradouras semanticamente expressam completamento (*Mrs Ramsey finished the letter*).

2.5 A relação entre os pontos de vista e os tipos de situação

Os componentes do tipo de situação e os pontos de vista são, segundo Smith (1997), independentes. Uma das razões por que a autora propõe tal independência reside no fato de que alguns pontos de vista não coincidem com a situação. É para dar conta deles que a autora estabelece essa diferença. O ponto de vista imperfectivo, por exemplo, pode ter uma extensão que não coincide com o esquema temporal da situação, podendo focar os estágios preliminares de uma realização instantânea:

(39). *Peter is reaching the top.*

Nessa sentença, o ponto de vista enfoca um intervalo que é anterior ao único estágio de uma realização instantânea.

É importante salientar que o tipo de situação é visível ao receptor da informação independentemente do ponto de vista da sentença, o que constitui um outro argumento para a independência desses dois componentes aspectuais. No exemplo abaixo, os receptores da sentença sabem que apenas parte do evento é semanticamente visível:

(40). *They were walking to the park.*

No entanto, eles também sabem que se trata de um evento télico com um ponto final natural, ou seja, a informação sobre o tipo de situação é semanticamente visível.

A separação destes dois componentes, ponto de vista e tipo de situação, leva a um cômputo único do aspecto. A idéia central dessa proposta é que o ponto de vista varia de acordo com as propriedades características da situação em questão.

2.6 A relação entre os pontos de vista e o contexto

Os sentidos aspectuais expressos por uma sentença incluem ênfase e informação obtida sob inferência. Esses são sentidos pragmáticos, dependentes do contexto e de convenções de uso da linguagem. Eles complementam os sentidos semânticos e são associados ao ponto de vista e guiados por convenções de uso que dependem parcialmente de princípios cooperativos gerais de inferência e parcialmente do padrão da linguagem. As interpretações são previstas tendo por base as convenções associadas aos pontos de vista e aos padrões básicos de inferência, que são presumidos cooperativamente por falantes e receptores. Interpretações divergentes de um ponto de vista são explicadas por diferentes inferências e convenções de uso.

Os principais fatores que determinam as convenções de uso são a localização de um ponto de vista no sistema aspectual e a informação por ele expressa. O uso de um ponto de vista em um determinado padrão convencional depende do contexto e do conhecimento mútuo entre falante e receptor. Quando há conflito entre as convenções, a informação contextual geralmente sugere a convenção que prevalece.

Convém ressaltar o fato de que a interpretação aspectual de uma sentença pode ser direta, usando a informação que é

semanticamente visível, ou argumentada com informação adicional obtida sob inferência. Uma interpretação argumentada de uma sentença contém informação que não é devida as suas formas lingüísticas. O receptor da seguinte sentença, por exemplo, pode inferir que o término do evento ocorreu, embora não haja um ponto final semanticamente visível:

(41). *Paul was painting his bedroom wall.*

Ao fazer tal inferência, o receptor pode adicionar um ponto final à sua representação da informação expressa pela sentença. A argumentação é geralmente permitida pela informação do contexto. Uma sentença subsequente a (41), por exemplo, pode levar o receptor a presumir que a parede em questão está totalmente pintada:

(42). *Paul was painting his bedroom wall. After finishing it, he went to sleep.*

Os receptores podem, ainda, possuir informação que independe do conhecimento de uma situação, ou informação pragmática sobre o mundo que torna uma dada interpretação plausível. Se, por exemplo, o receptor de (41) esteve no quarto de Paul e constatou que a parede não estava totalmente pintada, ele possui um conhecimento de mundo que lhe permite interpretar (41) como sendo um evento incompleto.

Smith (op.cit.) observa que o perfectivo normalmente leva a inferência que o estado final continua (para eventos télicos). A escolha do ponto de vista perfectivo em uma sentença como *Mary and Jane built a tree house last week* oferece ênfase positiva do término do evento, ao passo que a escolha de um ponto de vista imperfectivo para a mesma sentença (*Mary and Jane were building a tree house last week*) oferece ênfase positiva de uma situação em andamento. O fato de o receptor saber ou não sobre as circunstâncias é crucial para a interpretação da sentença. Se o usuário da linguagem não tiver conhecimento da situação, o imperfectivo pode indicar que o término não ocorreu.

A informação expressa pelo ponto de vista aspectual, pode ser interpretada, portanto, positivamente ou negativamente. A ênfase positiva chama atenção para a informação que é tornada visível pelo ponto de vista. Já a ênfase negativa dirige a atenção para o que não está visível.

Dois diferentes princípios do discurso subjazem a maioria dos casos de ênfase pragmática: o princípio da minimalidade e da maximalidade. Sob o primeiro, os falantes dizem apenas o necessário, o que leva ao entendimento da ênfase positiva. Sob o princípio da maximalidade, os falantes falam o máximo possível, o que leva a compreensão da ênfase negativa. As sentenças com um ponto de vista

imperfectivo podem apresentar ênfase positiva ou negativa. Considere a seguinte sentença fornecida pela autora:

(43). *Jane was chopping up the tomatoes.*

Essa sentença apresenta um intervalo interno da situação. Tomada positivamente, uma sentença como essa enfatiza que o evento estava em progresso (convenção de evento em andamento). A interpretação negativa enfatiza que a sentença apresenta um evento aberto, levando à inferência que o término da situação não ocorreu (convenção de não-completamento).

Por outro lado, as sentenças com o ponto de vista perfectivo podem apresentar ênfase positiva ou neutra. A ênfase positiva para os perfectivos chama atenção para o real completamento de um evento, ao passo que a ênfase neutra leva a inferir que o resultado da situação continua. Para finalizar, Smith (op.cit.) aponta que as convenções que dão suporte a todos os tipos de discurso devem ser levadas em consideração na construção de uma sentença e na interpretação do significado aspectual. Dicas contextuais e pragmáticas ajudam o usuário da linguagem a selecionar a convenção apropriada, e são requeridas devido às várias relações existentes entre formas e significados: “um número limitado de formas lingüísticas e sentidos

semânticos são usados por falantes para expressar muitos diferentes sentidos pragmáticos”.

2.7 Síntese

O presente capítulo teve como objetivo a revisão de alguns importantes conceitos introduzidos na literatura sobre o aspecto. A diferenciação entre tempo e aspecto, bem como a definição de aspecto, foi seguida por uma análise de duas características aspectuais que podem ser encontradas em diferentes línguas, isto é, o aspecto da situação e o aspecto dos pontos de vista. No final, há uma apreciação da relação existente entre esses dois tipos de aspecto e o contexto. Uma vez que pretendemos analisar o uso do Presente Perfeito Simple em inglês, houve uma ênfase ao aspecto perfectivo.

Embora o objetivo deste trabalho não seja uma análise teórica do aspecto, houve uma tentativa de contemplar diversos autores que contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento do estudo do aspecto. A opção pela proposta de Carlota Smith deve-se ao fato que sua teoria possui um grande poder explanatório, abrangendo pontos não desenvolvidos pelos demais estudiosos.

Smith contribuiu positivamente com as pesquisas sobre o aspecto incluindo classificações que até então não haviam sido

propostas, como por exemplo, o ponto de vista neutro, e uma categoria extra aos tipos de situação (semelfactíveis). Sua “teoria dos dois componentes” abarca questões subjetivas que são de extrema importância no uso da linguagem, como a escolha aspectual, abrindo espaço para a interpretação de sentenças que outrora eram classificadas como agramaticais.

3 O PRESENTE PERFEITO SIMPLES E A TEORIA DE ASPECTO

Após a análise de algumas gramáticas pedagógicas e materiais didáticos de reconhecida qualidade apresentada no primeiro capítulo deste estudo, observa-se que há necessidade de um maior esclarecimento com relação ao uso do Presente Perfeito Simples em inglês. No segundo capítulo, portanto, apresentei a revisão de alguns conceitos importantes presentes na literatura sobre o aspecto, a fim de, nesta seção, fazer uso dos conceitos abordados com o intuito de melhor explicar este tempo verbal que parece ser uma das áreas mais comuns de erros gramaticais cometidos por falantes não nativos.

As formas perfeitas, em especial o PP, estão presentes no uso diário da linguagem, entretanto, os diferentes aspectos de seu uso e significado parecem ser contraditórios, ou ainda, “escorregadios”, o que dificulta sua definição ou descrição em termos de sentido. Pretendo assim, neste capítulo discorrer sobre os sentidos especiais de

localização temporal e de aspecto do PP, tendo por base a teoria proposta por Carlota Smith.

3.1 Os sentidos especiais de localização temporal e os aspectos do Presente Perfeito

Na análise de Smith (1997), o Presente Perfeito não é definido em termos de diferentes variáveis contextuais para determinação de seu uso, conforme apresentado no capítulo um do presente estudo. A autora nos oferece uma definição baseada em localização temporal e aspecto, que abarca todas as variáveis que determinam o uso do PP.

Para Smith, o Perfeito vem a ser uma construção que apresenta sentidos especiais de localização temporal e de aspecto, pois:

- determina uma situação anterior ao tempo de referência;
- possui um valor estativo resultante;
- seu ponto de vista é perfectivo;
- atribui ao sujeito uma propriedade especial devido a sua participação na situação anterior.

Uma vez colocadas estas questões, no decorrer do presente capítulo analisarei com mais profundidade cada uma delas, iniciando pelo primeiro item, que diz respeito à relação existente entre o PP e sua localização temporal.

3.1.1 A localização temporal do Presente Perfeito

Para a formalização da teoria proposta por Smith, é fundamental o reconhecimento de três tempos distintos: o tempo de fala, o tempo de referência e o tempo da situação. A autora se baseia no trabalho de Reichenbach (1947), que afirma haver necessidade desses três tempos para localizar as situações temporalmente em todos os tipos de sentenças. O tempo de referência representa o ponto de referência da sentença; o tempo da situação é o tempo em que ela se localiza, e o tempo de fala se refere ao momento em que o enunciado é proferido. A perspectiva escolhida pelo falante irá apresentar o evento sem interferir na condição da verdade expressa pelo tipo de situação.

A informação temporal de uma sentença, portanto, localiza a situação no tempo. Na sentença (44), por exemplo, existe a informação que o evento ocorreu em um tempo anterior ao tempo de fala.

(44). *Paul and Ann have left.*

Essa informação é dada pelo tempo verbal da sentença, o qual, localiza o evento com relação ao tempo de fala, que é sempre o tempo presente. No caso das sentenças perfeitas, como (44), elas expressam situações anteriores ao tempo de fala, ou, tempo de referência, que representa sempre o ponto de orientação básico.

Segundo Smith (1997), a localização temporal e o aspecto são sistemas temporais complementares. A localização temporal fornece informação sobre o lugar de uma sentença no tempo, ao passo que o aspecto especifica a estrutura temporal interna da situação. No caso do aspecto perfectivo, a situação, mais precisamente, seu resultado, faz parte do intervalo de referência, o que representa sua estrutura temporal interna. Ao enunciarmos uma sentença como (44), por exemplo, fica subentendido, que os sujeitos partiram antes do tempo de referência; e ainda, que o resultado da ação permanece presente, fazendo parte, assim, do tempo de referência.

Em outras palavras, é a informação aspectual que contribui com a interpretação da relação existente entre a situação anterior e o tempo de referência.

3.1.2 O ponto de vista perfectivo

Linguisticamente, o perfectivo apresenta as situações como sendo pontuais, quer elas possuam estrutura temporal interna, ou não. Semanticamente, este ponto de vista se caracteriza por apresentar os eventos como fechados, isto é, com pontos iniciais e finais, sem informação a respeito de sua duração, sendo a interpretação de 'pontual' a mais natural, se a duração não é explicitada. A impressão de pontualidade está presente tanto nas situações que tomam tempo para sua realização, quanto para aquelas que não consomem tempo.

Situações que duram, seja por um instante, ou por anos, podem ser apresentadas como pontuais no perfectivo. Diz-se que podem ser assim apresentadas porque semanticamente o perfectivo apresenta os eventos como fechados, sem informação sobre a sua duração.

Pontual, portanto, segundo Smith, não corresponde a um ponto real, mas sim a uma estrutura fechada, isto é, com pontos de início e término; que aparece num ponto do tempo. Se visualizarmos as situações em seqüência, uma após a outra no tempo, é possível pensarmos em cada uma delas como que ocupando um ponto no tempo, sem importar sua duração real, embora esta possa aparecer de forma explícita, o que demonstra que as propriedades de duração e pontualidade não formam um par de contraste no aspecto perfectivo.

As sentenças com o ponto de vista perfectivo são, portanto, pontuais sob esta perspectiva; além disto, elas apresentam a situação como um todo, incluindo seus pontos iniciais e finais, sendo portanto ‘fechadas’ em termos de informação. Elas indicam que um evento ocorreu antes do tempo de fala, pelo menos uma vez, daí a típica leitura “existencial” de uma sentença no PP. O aspecto perfectivo nos fornece este tipo de dado, mas não nos fornece informação com relação a distância existente entre o tempo em que o evento ocorreu e o tempo de fala, nem mesmo com relação à freqüência da situação. Normalmente, somos levados a crer que a ação tenha ocorrido apenas

uma vez, entretanto, a informação contextual e o tipo de situação podem sugerir uma leitura diferente da situação. Em (45), por exemplo, apenas a informação contextual poderia nos dizer algo com relação à distância entre o tempo do evento e o tempo de fala. O ponto de vista perfectivo por si só, não nos fornece esse dado, e nem mesmo a frequência do evento.

(45). *They have been abroad.*

O fato de ambos, distância e frequência da situação, serem deixados em aberto, segundo Klein (1992), leva a diferentes leituras do PP: relevante, recente, existencial, entre outras. Daí provém a descrição do PP por diversos gramáticos em termos de diferentes variáveis contextuais, o que, segundo Klein, não afasta a possibilidade de ambigüidades nas interpretações das sentenças. Estas, conforme o autor, surgem devido a informações contextuais que nos dizem, por exemplo, que o tempo da situação imediatamente precede o tempo de fala (passado recente) ou que as conseqüências ainda são sentidas (passado resultante).

O PP, portanto, é um passado indefinido no que diz respeito a sua localização temporal. A única informação que dispomos é que a situação ocorreu antes do tempo de fala, entretanto, a exata posição do tempo da situação, sua duração, ou ainda sua frequência, não são

especificadas. Em (45), por exemplo, o fato de os sujeitos terem estado no exterior pode ter ocorrido ontem ou há dez anos, pode ter durado cinco anos, ou apenas um dia, e eles podem ter estado no exterior uma ou cinqüenta vezes.

A análise de Smith opera em função de sentidos aspectuais, e não apenas em termos de localização temporal, o que facilita o esclarecimento do significado semântico básico do PP, que gira em torno, não apenas da localização temporal da sentença e seu ponto de vista, mas também, em torno de seu valor estativo resultante e da propriedade de participação do sujeito na situação, fatores os quais serão abordados nos próximos itens.

3.1.3 Valor estativo resultante

O valor estativo das sentenças no Presente Perfeito decorre do fato que estas sentenças apresentam um estado que resulta da situação anterior:

- (46). (a). *Jane has gone out.*
(b) *They have built a new supermarket near our house.*
(c). *Paul has swum.*
(d) *I have been tired.*

Nos exemplos acima, observa-se que um determinado estado é obtido no presente devido à ocorrência das situações mencionadas, não havendo, entretanto, nenhuma implicação que os estados finais das situações continuarão. Isto ocorre pois o ponto de vista dessas sentenças é perfectivo e ,portanto, fechado. Ou seja, todas as situações acima, exceto (46 d) apresentam pontos iniciais e finais.

O uso do Presente Perfeito nas sentenças acima é identificado por diversos gramáticos como “passado relevante”, e denota uma situação que precede totalmente o tempo de fala. Já o uso do PP em sentenças como (46 d) é reconhecido “continuativo”, pois em sentenças como esta, onde há um verbo de estado, a situação referida atinge o tempo de fala.

Segundo Smith, os exemplos 46 (a), (b) e (c), representam eventos, os quais se diferenciam de estados (46 d) por possuírem pontos iniciais e finais, e ainda por serem caracterizados pelo traço semântico [dinamismo], exigindo energia para sua realização. Já (46 d), consiste em um período homogêneo e assim permanece até que algo externo ocorra e venha ocasionar sua mudança. Uma sentença como esta é classificada como continuativa por ser uma situação estável que se mantém por um momento ou por um intervalo, apresentando certa duração, ainda que esta possa ser mínima.

Os traços semânticos [+estático] e [+dinâmico] diferenciam, assim, os diferentes tipos de situação, isto é, eventos e estados, no ponto de vista perfectivo. Por apresentarem o traço [+dinâmico], 46 (a), (b) e (c) são classificadas como eventos, entretanto, existe uma distinção entre estes eventos. (46 a) e (46 b) representam, respectivamente realizações instantâneas e duradouras, envolvendo assim, a noção de uma mudança de um estado para outro, daí advindo seu valor estativo resultante. Por conseguinte, podemos afirmar que eventos télicos (realizações duradouras, instantâneas e semelfactíveis) semanticamente expressam resultado, ou seja, relevância atual. Já em (46 c), temos um evento atélico, isto é, um processo com pontos iniciais e finais arbitrários. Neste caso, que pode ocorrer não apenas com atividades, mas ainda com semelfactíveis, o término do evento é semanticamente expresso pelo verbo lexical. Todavia, dependendo do contexto onde o verbo está inserido, pode haver expressão de continuidade. No exemplo abaixo, devido ao advérbio de duração *since*, entende-se que a atividade não terminou:

(47). *Paul has played tennis since 1994.*

A combinação de um advérbio de duração com o traço [- télico] em si, não garante, contudo, a interpretação de continuidade. Uma sentença como (48), por exemplo, é totalmente ambígua:

(48). *Sarah has been in Rio for two months.*

Sarah pode ainda estar no Rio, ou pode ter estado no Rio em algum momento de sua vida, por dois meses. Neste caso, somente a informação contextual esclareceria tal ambigüidade.

A interação do aspecto perfectivo com os tipos de situação, suas características temporais e o contexto do discurso é, portanto, crucial para a determinação da interpretação e do uso das sentenças no PP.

De qualquer forma, o uso do PP sempre irá revelar uma preferência do usuário da língua por um tempo verbal que une o passado a um ponto de vista presente. A escolha do uso do PP implica que o usuário da língua considera haver algum tipo de conexão entre a situação ocorrida e o presente. Independentemente do tipo de conexão, as proposições resultativas possíveis que são derivadas serão tidas como válidas para o tempo presente. Daí o valor estativo resultante das sentenças.

3.1.4 A propriedade participante do sujeito

O PP, segundo Smith, atribui ao sujeito uma propriedade que resulta de sua participação em uma situação anterior. Se em algum momento algum sujeito saiu, construiu algo, nadou ou esteve cansado (46), a propriedade de ter feito tudo isso é asseverada a este sujeito. A

autora denomina esta característica de “propriedade do participante” (*participant property*). Esta propriedade é válida independentemente da situação apresentar caráter duradouro ou não:

(49). (a) *Edward has been run over by a truck.*

(b) *The farm has caught fire.*

Em ambas as sentenças existe a afirmação que seus sujeitos participaram dos eventos anteriores. Compreende-se que não apenas um atropelamento ocorreu (49 a), ou que uma fazenda tenha pegado fogo (49 b); as sentenças também atribuem a Edward a propriedade de ter sido atropelado, e à fazenda, a propriedade de ter pegado fogo. Quando o sujeito é um ser sensível, existe naturalmente a interpretação da propriedade do participante como uma experiência vivida por este ser. Daí provém o sentido de “passado de experiência” (*experiential perfect*), ou ainda, “passado existencial” freqüentemente atribuído ao Presente Perfeito.

Smith afirma que existe uma condição de felicidade pragmática (*felicity condition*) para o uso do PP: o sujeito de uma sentença no PP deve estar em condições de receber a propriedade do participante, sendo a sentença infeliz quando este requisito não é preenchido:

(50). *Shakespeare has written Romeo and Juliet.*

Uma sentença como esta está gramaticalmente correta, porém, infeliz quando proferida em um tempo após a morte de Shakespeare. Isto é explicado tendo por base a propriedade do participante. Shakespeare não pode receber esta propriedade no ano corrente, que vem a ser, neste caso, o tempo da enunciação; sendo, portanto, pragmaticamente impossível atribuir a ele tal propriedade.

Smith afirma que a noção de Relevância Atual é muitas vezes evocada para explicar a infelicidade de sentenças como (50), entretanto, conforme mencionado no primeiro capítulo do presente estudo, esta noção não apresenta objetividade suficiente para explicar o uso do PP, deixando sempre espaço para que os usuários da linguagem encontrem um motivo pelo qual um evento possa apresentar relevância para o presente momento. Em (50), por exemplo, poderíamos atribuir o fator relevância à peça em questão, ou mesmo, aos efeitos das obras de Shakespeare, os quais ainda se fazem presente. Suas obras, incluindo *Romeo and Juliet*, ainda são lidas no presente, e inspiram diversos estudiosos em suas produções literárias. Entretanto, não havendo a possibilidade do sujeito receber a propriedade de participante, tal sentença é considerada infeliz.

Um outro fator importante a ser mencionado com relação às sentenças no PP, que as diferenciam das sentenças no PS, é que elas

normalmente se referem a uma situação anterior sem uma especificação precisa de seu tempo de ocorrência, sendo portanto, reconhecidas como indefinidas. Elas focalizam a ocorrência ou a experiência da situação anterior, e não a situação em si. Sendo assim, não há especificação de tempo. Uma vez que o presente é a principal perspectiva do PP, a especificação precisa do tempo de ocorrência de uma situação contradiria a perspectiva de referência temporal presente indicada pelo uso do auxiliar *have*. Todavia, conforme colocado no capítulo 1, não se pode afirmar que o PP seja incompatível com a especificação de tempo. Em (51), por exemplo, temos uma sentença no Presente Perfeito com a especificação de seu tempo de ocorrência:

(51). *She has been there today.*

Um exemplo como este normalmente é apenas esclarecido em parte (ver seção 1.2.1). Na análise de Smith, a condição de propriedade de participante elucidada, não somente exemplos como (51), mas ainda outros como (7), na seção 1.2.3, que é elucidado apenas em termos semânticos.

(51) é uma sentença possível pois o sujeito está em condição de receber a propriedade de participante no tempo em questão, uma vez que o tempo de fala corresponde ao período descrito pela sentença. (52) abaixo, não representa uma sentença feliz pois o sujeito

não tem condições de ser participante hoje (*today*) de uma situação que ocorreu ontem (*yesterday*).

(52). *She has been there yesterday.*

Smith explica que sentenças como (52) são consideradas agramaticais por conterem advérbios de tempo que denotam um tempo anterior ao tempo de referência. Existem, portanto, restrições quanto à situação anterior e o tempo de referência no que diz respeito ao Presente Perfeito, que por sua vez, afetam a interpretação aspectual. Os advérbios, assim como o sujeito, o verbo e todos os seus complementos devem ser considerados quando da interpretação das sentenças perfectivas. Observe os seguintes exemplos:

(53). (a) *They have killed a woman.*

(b) *They have killed many people.*

Em 53(a) temos uma atividade não acompanhada de um advérbio de duração, o que implica o término da ação. Todavia, em 53(b), temos o mesmo verbo lexical, também não acompanhado de advérbio de duração, e a implicatura não é de término. Isto ocorre em função do predicado em questão. Predicados no plural, como é o caso em 53 (b), implicam em continuidade, ao passo que aqueles no singular, implicam término.

3.2 Síntese

O domínio do aspecto permite ao usuário da linguagem escolher significados aspectuais para apresentar as situações a partir de um determinado ponto de vista, usando significados gramaticalizados de sua língua para dar um enfoque particular a sua apresentação, o que demonstra que o significado aspectual de uma sentença reflete a decisão do usuário da linguagem de apresentar determinada situação sob diferentes perspectivas.

Ao trabalharmos com a perspectiva do usuário da linguagem, trabalhamos também com o contexto do discurso, uma vez que diferentes interpretações para as sentenças ocorrem não apenas devido às formas lingüísticas. Estas podem muitas vezes advir de elementos extralingüísticos.

Uma análise do discurso feita à luz desta teoria não pode desligar a sentença do contexto do discurso onde ela aparece, uma vez que, para algumas sentenças, apenas a informação adicional obtida através de inferência, elucida suas interpretações. Fatores como o 'conhecimento mútuo', o qual, de acordo com Smith, refere-se ao conhecimento independente de uma situação, ou informação pragmática do mundo; contribuem decisivamente para que uma dada interpretação seja considerada plausível.

A teoria proposta por Smith proporciona um grande poder explanatório para o PP, pois relaciona o ponto de vista do usuário da linguagem ao aspecto da situação. Ao fazer esta relação entre o aspecto do ponto de vista e o aspecto da situação, levando em consideração não apenas o verbo lexical, mas sim, a sentença inteira, e ainda o contexto do discurso, a autora unifica assim, aspectos semânticos, gramaticais e pragmáticos, os quais compõem o significado do Presente Perfeito em inglês. A maneira como uma sentença é apresentada é, portanto, um fator crucial para a interpretação deste tempo verbal.

4 METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo descrever a metodologia utilizada nesta pesquisa, iniciando pela determinação dos objetivos e das hipóteses formuladas para o estudo. Na seqüência, são descritos o contexto em que os dados foram coletados, os participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados. No final, há uma breve explicação de como os dados foram analisados. A análise dos dados em si consta no capítulo 5, juntamente com a discussão dos resultados.

4.1 Objetivos e hipóteses

Com o intuito de contribuir para os estudos na área de aquisição de inglês como língua estrangeira, este trabalho tem como objetivo específico investigar as causas das dificuldades enfrentadas por aprendizes de nível avançado quando do uso do Presente Perfeito Simples. Tentaremos responder a seguinte pergunta: por que os alunos, após terem tido em torno de 500 horas de instrução formal,

ainda vacilam diante de situações que claramente requerem o uso do PP em inglês americano?

Este trabalho visa, portanto, a investigação dos elementos componenciais que interferem ou retardam a aquisição e o uso adequado dessa estrutura, partindo da seguinte hipótese:

- 1- Os aprendizes tendem a usar o Passado Simples em circunstâncias quando o Presente Perfeito Simples seria o adequado no inglês americano devido à equivalência próxima de sentido existente entre estes dois tempos verbais.

4.2 Contexto de pesquisa

O experimento foi realizado com um grupo de alunos de Língua 8 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Língua 8 representa o último estágio cursado pelos aprendizes e os alunos, ao término deste estágio possuem um total de 600 horas de aprendizado. Cabe salientar que na Língua 8 encontramos alunos com níveis de proficiência bastante distintos, desde aqueles que ingressaram na faculdade com nenhum conhecimento de língua inglesa até os que já haviam cursado vários anos de curso livre, ou inclusive, já apresentavam experiência de estudos ou estada no exterior.

O curso utiliza a série *Headway*, de autoria de John e Liz Soars (ed. Oxford), como material didático, e o Presente Perfeito Simples é introduzido pela primeira vez no nível 3, após aproximadamente 180 horas-aula, e revisado nos níveis 4 e 6, em que os alunos já apresentam em média 255 e 406 horas de instrução, respectivamente. No nível 8, o programa versa sobre análise lingüística do inglês e atividades preparatórias para exames de proficiência.

4.3 Participantes do estudo

Os sujeitos participantes desta pesquisa estão divididos em dois grupos: falantes nativos da língua inglesa (variante americana) e aprendizes de língua inglesa, falantes de língua portuguesa provenientes da Língua 8 da UFRGS.

O primeiro grupo é formado por sete americanos. Seis sujeitos deste grupo trabalham como tradutores de inglês para Espanhol e um é corretor de seguros, todos adultos, entre 30 e 40 anos, com formação superior e inseridos no mercado de trabalho. A maior parte deles participou do estudo através do correio eletrônico, com a ajuda da brasileira Lore Rezac, que, por residir nos Estados Unidos, estabeleceu contatos e enviou os instrumentos para a coleta de dados.

O segundo grupo é constituído de 20 estudantes do curso de Letras da UFRGS em fase de conclusão de curso. A esses foi aplicado

um questionário visando a formar seu perfil. Os aprendizes que compreendem este grupo distribuíram-se da seguinte forma: 80% com experiência em docência em língua inglesa e 55% com vivência no exterior. Destes, 45% havia estado no exterior por um período de 1 a 3 meses. 85% dos aprendizes já apresentava conhecimento da língua inglesa antes de ingressar na faculdade, sendo que destes, 17.6% havia cursado entre 700 e 800 horas, 23.5%, cerca de 500 horas e 35,3% entre 200 e 300 horas. Apenas 5.9% havia cursado cerca de 100 horas anterior a seu ingresso na faculdade, e 17.6% não respondeu a questão. Com relação à exposição à língua inglesa através da TV a cabo, 60% estão expostos à língua inglesa sob esta forma, sendo que destes, 50% assistem entre 2 e 3 horas semanais, 33.3% assistem de 4 a 5 horas, e 16.7% assistem cerca de 20 horas semanais.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

Três instrumentos foram utilizados para a coleta de dados durante o estudo. O primeiro instrumento utilizado foi um *cloze test*, que constava de dois pequenos textos extraídos da revista *Newsweek* datados de junho de 2001 e março de 2002, tendo as formas verbais alvo deletadas e transformadas em lacunas para que os alunos preenchessem. Tal instrumento teve como propósito fornecer um

contexto no qual as expressões com referência passada pudessem ser elicitadas (Comrie, 1976). Desta forma, os aprendizes teriam mais subsídios para escolher entre o Passado Simples ou o Presente Perfeito, posto que para completar esse tipo de teste eles devem interpretar a sentença à luz do contexto em que esta se encontra inserida, para então, codificar sua interpretação através de uma forma verbal.

Por ser esse um teste de produção, ele visa a fornecer a base para a análise dos dados deste trabalho, pois, ao requerer conhecimento produtivo, fornece uma representação mais confiável do conhecimento do aprendiz do que o teste de múltipla escolha, o qual apenas requer reconhecimento da forma apropriada. Além disto, os *cloze tests* contam com a vantagem de fornecer maiores informações sobre o uso que os aprendizes fazem das diferentes formas verbais uma vez que produzem suas próprias respostas em vez de simplesmente optar pela forma correta (Gradman & Hanania, 1990. In: Bardovi-Harlig, 1992).

O segundo instrumento utilizado foi um teste de múltipla escolha. Mais uma vez, a revista *Newsweek* (abril de 2001) serviu como fonte para o teste, em que os aprendizes foram restringidos a selecionar uma dentre duas escolhas pré-determinadas (PS ou PP). Esse tipo de teste, ao contrário do primeiro - que demanda um conhecimento mais

produtivo, requeria apenas o reconhecimento da forma ou uso apropriado.

Apesar de não contar com as vantagens do primeiro teste, a avaliação feita com múltiplas escolhas é importante pois faz com que o aluno monitore melhor as suas respostas, o que pode não ocorrer em um *cloze test*. Sendo assim, os testes de múltipla escolha mostram ser uma boa complementação para tarefas de cunho mais produtivo.

Por fim, o terceiro instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma tarefa de tradução. Os aprendizes, nesta etapa, receberam dois pequenos textos em Português como L1 a fim de traduzir determinadas partes para o Inglês (LE). O primeiro texto é de autoria de Martha Medeiros (1997), e o segundo, de Luis Fernando Veríssimo (2000). Faz-se importante ressaltar o fato de que as partes a serem traduzidas foram escolhidas em função da ocorrência do Presente Perfeito Simples ou do Passado Simples. Os aprendizes nesse teste receberam um auxílio em termos de vocabulário a fim de facilitar a tarefa, possibilitando, assim, que tivessem sua atenção voltada para as expressões com referência temporal.

Esse tipo de teste, que vem a ser uma tarefa de tradução, visa a fornecer um complemento à análise dos dados, principalmente no que diz respeito à segunda hipótese do presente estudo, que afirma que a

relação com a L1 é mais forte do que as variáveis contextuais que operam na situação comunicativa no momento da escolha do tempo verbal mais adequado.

A aplicação dos testes obedeceu a seguinte orientação: os aprendizes inicialmente foram instruídos a ler rapidamente os textos que lhes foram entregues, com o objetivo de obter uma idéia geral. A seguir, eles tiveram de realizar as tarefas solicitadas, que giravam em torno da escolha do tempo verbal que julgassem ser o mais apropriado.

Houve o cuidado de aplicar os testes um a um, posto que se fossem entregues os três juntos representariam uma tarefa demasiadamente longa, o que poderia afetar a motivação dos aprendizes no que diz respeito à sua dedicação. O *Cloze test* foi aplicado anteriormente ao teste de múltipla escolha a fim de evitar que os alunos, ao serem requisitados para uma tarefa de cunho produtivo, estivessem condicionados apenas ao uso de PS ou PP, uma vez que no teste de múltipla escolha essas foram as únicas opções de preenchimento fornecidas. Em todos os testes, foram selecionadas duas alternativas para que os estudantes justificassem suas escolhas, fato que ofereceu mais subsídios à análise dos dados.

Inicialmente, esses três testes foram aplicados apenas com o grupo de falantes nativos de língua portuguesa. Entretanto, durante o

processo de análise de dados, surgiu a necessidade de se fazer uma análise *a posteriori*, utilizando apenas os dados mais discrepantes da pesquisa. Os testes foram, então, aplicados junto a falantes nativos de inglês americano com o intuito de verificar nossas intuições a respeito do uso do PP.

4.5 Análise de dados

As respostas dos aprendizes foram classificadas em dois grandes grupos: Passado Simples ou Presente Perfeito Simples, sendo que para o segundo grupo, as respostas foram ainda agrupadas de acordo com as diferentes variáveis contextuais que determinam o uso do PP (PP persistente, PP recente, PP relevante e PP existencial). Com relação ao primeiro grupo, foi feita uma distinção entre o uso do PS em sentenças com marcação de tempo determinado e aquelas sem marcação.

Os dados coletados foram analisados, levando em consideração a porcentagem de acertos obtida em cada questão, bem como outras características, ou variáveis, que determinaram o perfil dos aprendizes na LE, tais como: docência em língua inglesa, conhecimento de língua inglesa anterior ao ingresso na UFRGS, vivência no exterior e exposição à língua inglesa através da TV a cabo.

No próximo capítulo, há uma descrição detalhada do processo de análise dos dados, bem como uma discussão dos resultados obtidos.

A análise dos dados, obtidos através dos instrumentos de coleta de dados, deu-se em duas etapas. Em um primeiro momento, fez-se um levantamento dos dados provenientes dos testes aplicados junto aos estudantes da UFRGS para verificar a incidência de erros e acertos por questão, com o objetivo de detectar aquelas questões que apresentassem dados mais discrepantes. A seguir, os testes foram reescritos, contendo apenas as questões com maior incidência de erros e, então, aplicados junto a falantes nativos do inglês americano. Estes testes *a posteriori* tinham por objetivo fornecer maior subsídios para a análise dos dados dos testes aplicados junto aos falantes de língua portuguesa aprendizes de inglês como LE.

5.1 Análise dos dados dos falantes de língua portuguesa

A análise dos dados provenientes dos estudantes da UFRGS foi feita sob dois enfoques. O primeiro, conforme já colocado, tem por

finalidade detectar a incidência de erros por questão com vistas à aplicação de um teste *a posteriori*, bem como, verificar a distribuição dos acertos quanto às diferentes variáveis contextuais que determinam o uso do Presente Perfeito Simples e do Passado Simples em inglês.

O segundo enfoque visa a analisar as diferentes características que compõem o perfil do aprendiz, na tentativa de detectar a variável determinante de um bom desempenho no que diz respeito ao uso do PP.

5.1.1 Distribuição de acertos por questão

Nesta seção é apresentada uma tabela demonstrativa das incidências de acertos e erros por questão para cada teste, bem como o tempo verbal requerido em cada questão e a variável contextual predominante em cada uma delas, a fim de fornecer uma visão geral dos resultados obtidos. Na seção 5.1.2, encontrar-se-ão as tabelas acompanhadas de comentários sobre a distribuição de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais, juntamente com uma análise das questões que apresentaram resultados mais discrepantes.

TABELA 1: Percentual de acertos - Cloze tests

Número da Questão	Incidência de acertos	Incidência de erros	Tempo verbal requerido	Variável contextual predominante
Extract 1 – 1 questão	6 (30 %)	14 (70 %)	PP	PP persistente
2 questão	19 (95%)	1 (5%)	PS	PS com data
3 questão	18 (90%)	2 (10%)	PS	PS com data
4 questão	12 (60 %)	8 (40%)	PP	PP relevante
Extract 2 – 1 questão	8 (40 %)	12 (60 %)	PP	PP persistente
2 questão	16 (80%)	4 (20%)	PP	PP recente
3 questão	12 (60%)	8 (40 %)	PP	PP persistente
4 questão	14 (70%)	6 (30%)	PS	PS com data

total de respostas para cada questão= 20

TABELA 2: Percentual de acertos - Multiple choice test

Número da questão	Número de respostas	Incidência de acertos	Incidência de Erros	Tempo verbal requerido	Variável contextual predominante
1	20	20 (100%)	0 (0%)	PP	PP recente
2	19	18 (94.7%)	1 (5.3%)	PS	PS com data
3	19	11 (57.9%)	8 (42.1%)	PP	PP persistente
4	20	14 (70%)	6 (30%)	PP	PP relevante
5	20	20 (100%)	0 (0%)	PS	PS com data
6	20	19 (95%)	1 (5%)	PS	PS sem data
7	19	18 (94.7%)	1 (5.3%)	PS	PS com data
8	19	17 (89.5%)	2 (10.5%)	PS	PS sem data

TABELA 3: Percentual de acertos - Translation tests

Número da questão	Incidência de acertos	Incidência de erros	Tempo verbal requerido	Variável contextual predominante
Extract 1 – questão 1	20 (100%)	0 (0%)	PS	PS sem data
questão 2	14 (70%)	6 (30%)	PP	PP persistente
questão 3	20 (100%)	0 (0%)	PS	PS sem data
questão 4	18 (90%)	2 (10%)	PS	PS sem data
questão 5	13 (65%)	7 (35%)	PP	PP recente
questão 6	17 (85%)	3 (15%)	PP	PP relevante
Extract 2 – questão 1	12 (60%)	8 (40%)	PS	PS sem data
questão 2	16 (80%)	4 (20%)	PP	PP persistente
questão 3	17 (85%)	3 (15%)	PP	PP existencial
questão 4	7 (35%)	13 (65%)	PP	PP recente
questão 5	15 (75%)	5 (25%)	PS	PS sem data
questão 6	16 (80%)	4 (20%)	PS	PS sem data

total de respostas para cada questão= 20

Com base nos dados acima, as questões 1 e 4 do primeiro texto, juntamente com as questões 1 e 3 do segundo texto contidos no *Cloze test*, somadas à questão 3 do teste de múltipla escolha, juntamente com a questão de número 5 do primeiro texto do teste de tradução e as questões 1 e 4 do segundo texto foram selecionadas para a aplicação de um pós-teste junto a falantes nativos de inglês americano por terem apresentado uma maior incidência de erros. O objetivo foi verificar se os falantes nativos apresentariam o mesmo tipo de dificuldade na seleção do tempo verbal adequado nos exercícios em questão. Tal

informação forneceria mais subsídios para a análise dos dados, podendo auxiliar a revelar se o grau de dificuldade envolvido estaria vinculado a alguma variável no contexto da L2 ou a diferenças de uso entre L1 e L2.

Torna-se oportuno salientar que o critério utilizado para a determinação do percentual mínimo de acertos foi meramente formal. As questões que apresentaram um percentual de acertos inferior a 70% foram selecionadas para o pós-teste em função de ser este o percentual mínimo de acertos para a aprovação, não apenas na UFRGS, que representa o universo desta pesquisa, mas também na grande maioria das instituições de ensino.

5.1.2 Distribuição de acertos por teste quanto a diferentes variáveis contextuais

Nesta seção, examinaremos a distribuição de acertos em cada instrumento utilizado para a coleta de dados. Em 5.1.2.1, são analisados os resultados obtidos através dos *cloze tests*; em 5.1.2.2 a análise reflete os resultados dos testes de múltipla escolha, e 5.1.2.3 apresenta a análise dos dados dos testes de tradução. A discussão dos resultados é apresentada em 5.1.4.

5.1.2.1 Cloze tests

TABELA 4: Percentual de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais – Cloze Tests

Variável contextual	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
PP persistente	3	60	26 (43.3%)	34 (56.7%)
PP relevante	1	20	12 (60%)	8 (40%)
PP recente	1	20	16 (80%)	4 (20%)
PP existencial	0	0	0	0
PS com data	3	60	51 (85%)	9 (15%)
PS sem data	0	0	0	0
Total	8	160	105 (65.6%)	55 (34.4%)

Conforme revelam os dados acima, as questões envolvendo o uso de PP persistente e PP relevante parecem ser as mais problemáticas. Cabe salientar, entretanto, o seguinte fato: no que concerne ao uso do PP persistente, 20.6% do total geral de erros, independentemente da questão, ocorreu devido ao uso do Presente Simples, 32.6% devido ao uso do Presente Perfeito Contínuo, e 41.2%, devido ao uso do Passado Simples. 5.6% dos erros foram cometidos em função do uso de outros tempos verbais.

A análise da justificativa das respostas dos aprendizes com relação às questões que envolvem o uso do PP persistente foi possível apenas para a questão 1 do texto 1, já que para as demais questões os alunos não foram requeridos a justificar suas respostas. A análise

aponta para o fato de que esses relacionam o fator continuidade ao Presente Perfeito Contínuo, ou ainda ao Presente Simples. Aqueles aprendizes que escolheram o Passado Simples parecem não ter observado com atenção o contexto em questão, uma vez que esse, na questão 1 do texto 1, deixa claro que trata-se de uma situação passada que se estende até o presente momento:

Extract 1:

*South America's two giants, Brazil and Argentina, have long been intense competitors. **They (1) have disputed (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world.** In the early 90's Argentina (2) **was (be)** the darling of the moneymen, but by mid-decade, it (3) **was (be)** Brazil's turn, as President Fernando Henrique Cardoso promised to marry capitalism and social justice.*

*Ever since, Brazil has been winning the race. **The government (4) has controlled (control) inflation and unemployment and put the books in the black.***

Se tomada individualmente, a sentença em (1) poderia ser completada com o PS, uma vez que essa, por si só, não deixa claro se a disputa em questão terminou. Entretanto, se considerarmos a primeira oração e o restante do parágrafo, temos a informação de que o Brasil está ganhando a disputa, o que fornece subsídios para a interpretação da continuidade do evento, tornando, assim, inadequado o uso do PS.

A interpretação aspectual dessa sentença, seguindo os termos de Smith, é direta, isto é, a informação é semanticamente visível pelo contexto, não requerendo informação adicional obtida sob inferência. No entanto, é necessário que o contexto seja devidamente observado,

o que parece não ter ocorrido. Ao seguir o princípio da maximalidade, o autor do texto está fornecendo o máximo de informações possíveis para que o leitor tenha condições de perceber a continuidade do evento. Sob esse princípio do discurso, o máximo de informação possível é fornecido a fim de levar a compreensão de uma ênfase que não seja positiva, ou seja, uma ênfase do que não representa um padrão. Neste caso, a ênfase positiva chamaria atenção para o real complemento do evento. Como não a temos no texto, pois esta segue o princípio da minimalidade, somos levados a inferir que o resultado da situação continua.

Nesta questão, apenas 30% dos aprendizes optou pelo uso do PP, 10% optou pelo uso do PS, 25% pelo uso do Presente Perfeito Contínuo, e 35% por Presente Simples.

O fato de alguns aprendizes relacionarem a continuidade do evento ao Presente Perfeito Contínuo, optando por seu uso nesta questão, é totalmente justificável, uma vez que este compartilha o traço semântico [+duradouro] com o PP persistente, podendo até mesmo ser intercambiável em casos como o da questão 1. Já o uso de Presente Simples, justificaria-se pelo compartilhamento do traço [+ atual]. Esse tipo de troca de tempos verbais, segundo Bardovi-Harlig (1997), revela que o aprendiz adquiriu apenas parte do significado codificado pelo PP.

A questão 1 do texto 2 também requeria o uso de PP, o que, mais uma vez, mostrou ser fonte de dificuldades no que diz respeito ao traço semântico [+ duradouro] :

Extract 2:

*Most foreigners look at Indonesia and see the failing state evoked in international headlines: a place choking on smoke from forest fires, drowning in debt and struggling to recover from the Asian financial crisis. But there's another Indonesia, which Eric Rosenkranz sees from the Hong Kong office of Grey Global Group, the advertising multinational. For him, few markets hold more promise than the archipelago of 216 million people. **In the last two years, Grey (1) has seen (see) revenue from its Indonesia office grow at double-digit rates, and it expects an additional 50 percent increase this year.** Rosenkranz sums up business in Indonesia as "phenomenal".*

*Indonesia (2) **has become** (become) something of an oddity in an era of globalization: a pariah economy, doing quite well in semi-isolation. **Since the Asian crisis of '97, foreign investors (3) have avoided (avoid) Indonesia, where the crisis hit its lowest point in economic depression and political revolution.** Yet, Indonesia (4) **grew** (grow) at a healthy 3.3 percent clip last year, helped by resurgent consumers.*

Apenas 40% das respostas para a questão 1 deste texto continham o PP , com 55% das respostas contendo o PS e 5% com outros tempos verbais. Talvez a variável contextual persistência tenha sido ofuscada pela expressão *in the last two years*, a qual me parece um tanto ambígua com relação à inclusão do ano atual. Não obstante, uma vez que os alunos não justificaram suas respostas, tal fato representa apenas uma especulação.

Na questão 3 deste mesmo texto, encontramos 60% de repostas com o PP, 5 % com PS , 30% com Presente Perfeito Contínuo, e 5% com outros tempos verbais. Nesta questão, o advérbio *since*, torna visível o traço [+ duradouro], o que parece não ter sido observado por

aqueles aprendizes que optaram pelo uso de OS, ou ainda, por outros tempos verbais, o que representa apenas 10% deste universo. Para os outros 90%, esse traço semântico parece ter tido bastante visibilidade. Aqui, novamente, temos o uso de Presente Perfeito Contínuo em detrimento do PP devido ao compartilhamento do traço [+ duradouro].

Com relação ao PP relevante, nesse teste 75% dos erros ocorreram devido ao uso de Passado Simples, sendo que os demais não estão relacionados a algum tempo verbal específico. Para essa questão (texto 1, nr. 4) também não havia uma solicitação de justificativa de resposta; entretanto, os dados parecem revelar que a variável relevância não parece ser um fator que seja levado em conta na escolha do tempo verbal adequado, pois os aprendizes ao não usarem o PP, demonstram desconhecer o fato de que o PP possui, segundo Smith (1997), um valor estativo resultante, ou, em outras palavras, os aprendizes desconhecem que o PP indica que o estado presente de uma situação ou evento é o resultado de uma situação passada (Comrie, 1976). Em fim, o traço semântico [+relevante] parece não estar totalmente adquirido como parte integrante do significado do PP.

Esse primeiro tipo de exercício proposto aos alunos apresentou uma diversidade maior de respostas no que diz respeito aos tempos verbais, além de uma menor incidência de acertos. Uma vez que os aprendizes não sabiam exatamente qual o propósito do teste ao qual

se submetiam e que as respostas exigiam produção de conhecimento, e não apenas reconhecimento, como acontece no teste de múltipla escolha, eles estiveram menos condicionados à escolha dos tempos verbais e, assim, mais livres para testarem suas hipóteses e conhecimento prévio diante do novo contexto apresentado. Daí o motivo por ter sido este o teste escolhido para ser a base para a análise dos dados deste trabalho, pois conforme colocado no capítulo 4 do presente estudo, ao requerer conhecimento produtivo, este tipo de teste fornece uma representação mais confiável do conhecimento do aprendiz do que os demais, os quais servem como suporte para os dados aqui obtidos.

5.1.2.2 Multiple choice tests

TABELA 5: Percentual de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais – Multiple Choice Test

Variável contextual	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
PP persistente	1	19	11 (57.9%)	8 (42.1%)
PP relevante	1	20	14 (70%)	6 (30%)
PP recente	1	20	20 (100%)	0 (0%)
PP existencial	0	0	0	0
PS com data	3	54	52 (96.3%)	2 (3.7%)
PS sem data	2	38	35 (92.1%)	3 (7.9%)
Total	8	51	132 (87.4%)	19 (12.6%)

Os dados obtidos através dos testes de múltipla escolha nos mostram que, mais uma vez, o PP persistente parece ser uma área de dificuldade para o aprendiz, corroborando, assim, com os dados obtidos no *cloze test*.

A questão que requeria o uso do PP persistente neste teste foi a questão número 3:

*Something strange (1) (happened / **has happened**) to the mobile phone. In defiance of all industry forecasts, today's user seems to want to write, not chat. SMS, Short Message Service, has been around for a decade, but in recent years it began spreading like a virus throughout the globe. Last year the number of messages sent (2) (**jumped** / has jumped) fivefold, reaching 15 billion in December alone, or 200 billion in the past year, by some estimates. "The growth (3) (was / **has been**) amazing," says Bryony Clow of Vodafone, the world's largest mobile-phone network. "And there seems to be no end to it." Consultants at Logica, the U.K. software firm, reckon that by the end of 2002 the monthly total may reach 100 billion – or more than 15 messages for every person on the planet.*

*This phenomenon (4) (surprised / **has surprised**) everybody. The telecom industry (5) (**adopted** / has adopted) SMS as a standard technology in 1991 as a way to sop up extra network capacity, just in case somebody somewhere might find it useful. Unlike e-mail, text messages arrive almost instantaneously, so that two people can have a text-based conversation as though they were in an Internet chat room. At first, subscribers (6) (**were** / have been) able to send messages only within their own networks. The service was neither advertised nor promoted. Phone manufacturers were no more ambitious: telephone keyboards are optimized for numbers, not letters. On many handsets, it still takes plenty of scrolling just to find the menu options for texting.*

*A year ago, teenagers and twenty-somethings (7) (**spotted** / have spotted) potential. Here was an efficient way of communicating that had the powerful charm of novelty. Numbers rose rapidly, specially in the tech-friendly countries of the far East and Scandinavia, where the mobile-phone boom first (8) (**took off** / has taken off) among young consumers. "This was the accidental revolution," says Simon Buckingham of the Mobile Lifestreams consultancy. "Consumers just adopted SMS as their own medium. Every generation needs its own way of expressing itself; this is the text generation."*

Conforme podemos observar, o contexto deixa clara a continuidade do evento, não deixando, assim, espaço para que o aprendiz escolha a opção contendo o Passado Simples. Talvez os

aprendizes que optaram pelo uso do PS, tenham se guiado apenas pelo contexto da frase anterior, a qual se referia ao ano anterior; o que revela, se este for o caso, que os estudantes, mais uma vez, não estavam totalmente atentos ao contexto geral, já que a frase seguinte deixa claro que o crescimento ainda não terminou.

Nesse teste, as questões que requeriam justificativa de respostas foram as de número 1 e 6, as quais não revelaram ser fonte de dificuldade para os aprendizes. Torna-se oportuno, todavia, mencionar que todos os alunos justificaram seu uso de SP em (6) com a expressão *at first*, a qual parece ter sido utilizada como uma dica contextual importante. A maioria dos estudantes justificou sua escolha de PP em (1) com os seguintes fatores: tempo indefinido ou processo não terminado.

5.1.2.3 Translation tests

TABELA 6: Percentual de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais – Translation Tests

Variável contextual	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
PP persistente	2	40	30 (75%)	10 (25%)
PP relevante	1	20	17 (85%)	3 (15%)
PP recente	2	40	20 (50%)	20 (50%)
PP existencial	1	20	17 (85%)	3 (15%)
PS com data	0	0	0	0
PS sem data	6	120	101 (84.2%)	19 (15.8%)
Total	12	240	185 (77%)	55 (23%)

Nos testes de tradução, as questões envolvendo o PP recente apresentaram a maior incidência de erros. Dentre estes, 90% estavam relacionados ao uso do Passado Simples, e apenas 10% relacionados ao uso de outros tempos verbais. É importante mencionar, contudo, que havia duas questões relacionadas ao uso de PP recente e que 65% dos erros ocorreu na questão 4 do segundo texto:

Extract 2:

*Um homem só se conhece em duas situações: quando está sob a ameaça de uma arma ou quando quer conquistar uma mulher. Você pode argumentar que ambas são situações de descontrole emocional. Errado: o descontrole é o homem. O controle é o disfarce. **Você deve se julgar pelo seu comportamento quando (1) enfrentou a possibilidade da morte ou quando estava a fim da (o nome é hipotético) Gesileide.** Aquela vez que você se escondeu atrás de um poste para ver se ela chegava em casa com alguém. Meia-noite e você atrás do poste, sob o olhar curioso de cachorros e porteiros, fingindo que lia a lista do bicho no escuro. Aquele imbecil – e não esse cidadão adulto, respeitável, razoável, comedido, talvez até com*

títulos – é você. Tudo mais é a capa do imbecil essencial. Tudo mais é fingimento. Você (2) nunca foi tão você quanto atrás daquele poste.

Pense em (3) tudo o que você já fez para conquistar uma mulher. Os falsos encontros casuais, cuidadosamente arquitetados. Os falsos telefonemas errados, só para ouvir a voz dela. (4) “Telefonei para você? Onde eu estou com a cabeça!” As bobagens que você disse, tentando impressiona-la. Pior, as bobagens que você ensaiou em casa e disse como se tivesse pensado na hora. O que você lhe escreveu, sem revisão ou autocrítica. Aquele ridículo (5) era você. Os dias e dias que você passou só pensando nela. Tanta coisa para fazer, e você escrevendo o nome dela sem parar. Gesileide (digamos), Gesileide, Gesileide... E as mentiras? E a vez que você inventou que era meio-primo do Julio Iglesias?

E o que você (6) sofreu quando parecia que não ia dar certo? Como um adolescente. Aquele adolescente era você. Isso que você é agora é o disfarce, é o imbecil essencial em recesso provisório. Só o vexame é autêntico num homem.

(Luis Fernando Veríssimo)

Para essa questão, foi possível analisar a justificativa das respostas dos aprendizes. As mais relevantes vinculavam o uso do Passado Simples ao traço [-formal]. O PS foi o tempo verbal escolhido em função de se tratar de uma situação mais informal, relacionada ao discurso falado.

A questão 1 deste mesmo texto acima, que demandava o uso do Passado Simples, apresentou 40% de erros. Não havia um pedido de justificativa de resposta para essa questão, entretanto, creio que o uso do PP nesta questão demonstra que o enquadramento de tempo ao qual este se refere pode não estar totalmente claro para o aprendiz. Ele parece não perceber a perspectiva que o autor quer dar ao acontecimento ao enquadrá-lo em um intervalo de tempo salientemente limitado identificável, que pode ser acessível pelo contexto. Se assim for, nos deparamos novamente com uma falta de atenção ao contexto do discurso.

A questão 5 do primeiro texto apresentou 35% de erros, sendo possivelmente um percentual mais verídico no que tange as dificuldades dos aprendizes com relação à variável contextual PP recente pois, nesta questão, não há a interferência de fatores como o nível de formalidade da situação:

Extract 1:

Para nossas bisavós, ser feliz (1) era fácil. Bastava casar e ter filhos. Aos 20 anos de idade, muitas já tinham alcançado o seu objetivo. Para outros, a felicidade estava em ser competente na profissão escolhida: muitos anos de estudo, um período de estágio, alguma experiência e chegava-se lá. Ser feliz (2) sempre foi o grande desejo universal e as pessoas (3) não se preocupavam com a quantidade de tempo investida para alcançar sua meta. Dois anos? Dez? O que (4) importava era a realização.

*Priscas eras. Quem, hoje, está disposto a esperar meia-hora para ser feliz? **A felicidade conquistada lentamente, passo a passo, (5) virou uma vaga lembrança.** Estamos vivendo a era da felicidade instantânea. Precisamos, para ontem, de um jatinho particular, um apê em Nova York e um nariz novo. Nada que uma Supersena acumulada não resolva.*

Por que esta urgência de viver? Simples: porque a morte tem chegado à bala. A violência urbana (6) mudou o nosso conceito de felicidade. De dia comemos um churrasco com a família, à noite podemos estar enterrando um amigo morto estupidamente num acidente de carro. Na segunda-feira tossimos, na terça temos câncer de pulmão. De manhã nossa filha era uma criança, à tarde ela está nos braços de um marginal, virando mulher à força. Nossa vida está valendo muito pouco. Uma briga de trânsito, uma porta aberta inadvertidamente, um diagnóstico, e the game is over.

(Martha Medeiros)

Embora não houvesse justificativa de resposta para a questão 5, o fato de os aprendizes terem escolhido o PS em detrimento do PP, neste texto, pode revelar que o traço semântico [+ recente] não tenha sido incorporado ao significado do PP. Já os dados obtidos através do texto de autoria de Veríssimo, não me parecem tão reveladores no que diz respeito ao uso do PP recente, mas sim, no que concerne ao nível

de formalidade da situação, uma vez que nesse texto a opção pelo PS, na grande maioria dos casos, revela que os estudantes relacionam o traço [- formal] ao Passado Simples, o que vem a ser perfeitamente cabível. Comrie (1976), Gathercole (1986), Johnson (1985), Bardovi-Harlig (1998) e Quirk (1990) afirmam que, de modo geral, o inglês norte-americano dá preferência ao uso de formas “não-perfeitas” (Comrie, 1976), como é o caso do Passado Simples, em detrimento do Presente Perfeito.

A questão 3 deste texto, que requeria uma justificativa de resposta, não representou ser fonte de dificuldade, apresentando 100% de acertos. A maioria das justificativas relaciona o uso do PS a um tempo terminado no passado, ou ainda, a algo que não influencia o presente momento. Muitos dos aprendizes mencionaram ter se guiado pela expressão ‘para nossas bisavós’, o que revela uma maior atenção ao contexto, demonstrando ao mesmo tempo, que estão conscientes da marcação e do uso do PS.

5.1.3 Distribuição de acertos quanto ao perfil do aprendiz

Nesta seção são apresentadas, inicialmente, quatro tabelas que ilustram o percentual de acertos dos estudantes com relação às diferentes características de seus perfis. Na tentativa de detectar a variável determinante de um bom desempenho, o percentual de acertos é calculado para cada característica isoladamente. A seguir, na

tabela 5, todas as variáveis são agrupadas, e o percentual de acertos é novamente calculado, agora com o intuito de verificar se aqueles aprendizes que reúnem todas as características apresentadas demonstram ter um melhor desempenho no que tange o uso do PP.

TABELA 7: Percentual de acertos quanto à variável “docência”

Total de questões= 28

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões não respondidas	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
Docente	17	4	472	365 (77.3%)	107 (22.7%)
Não docentes	3	0	84	70 (83.3%)	14 (16.7%)

Ao que tudo indica, a variável docência não parece ser um fator determinante de um bom desempenho no que diz respeito ao uso do PP, pois os não docentes obtiveram um número maior de acertos. Todavia, é importante ressaltar que o fator docência não passa de um critério formal, uma vez que sua qualidade não foi avaliada em função de tratar-se de um estudo que visa a investigar os fatores que influenciam a aquisição do PP junto a aprendizes e não, junto a docentes.

TABELA 8: Percentual de acertos quanto ao número de horas de estudo anterior ao ingresso na UFRGS

Total de questões= 28

Número de horas de estudo	Número de aprendizes	Número de questões não respondidas	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
acima de 500h	8	0	224	176 (78.6%)	48 (21.4%)
abaixo de 500h	10	4	276	215 (77.9%)	61 (22.1%)

O número de horas de instrução formal também não parece representar uma variável determinante de um bom desempenho para o uso do tempo verbal em questão, posto que a diferença no percentual de acertos aqui é mínima.

TABELA 9: Percentual de acertos quanto à vivência no exterior

Total de questões= 28

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões não respondidas	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
com vivência no exterior	10	0	280	194 (79.3%)	58 (20.7%)
sem vivência no exterior	10	4	276	206 (74.6%)	70 (25.4%)

A variável “vivência no exterior” apresenta uma diferença de percentual um pouco mais significativa do que as demais variáveis levadas em consideração neste estudo, o que pode apontar para a importância deste fator no que diz respeito ao uso adequado do PP. Entretanto, como o percentual de diferença entre os dois grupos não

chega à 5%, torna-se oportuna a busca de outras variáveis que determinem com maior precisão o uso adequado do PP.

TABELA 10: Percentual de acertos quanto à exposição à língua inglesa através da TV a cabo

Total de questões= 28 / Média de horas= 4 à 5h

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões não respondidas	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
com exposição à TV à cabo	11	4	304	237 (78%)	67 (22%)
sem exposição à TV à cabo	9	0	252	192 (76.2%)	60 (23.8%)

A exposição à língua através de insumos como a TV a cabo também não parece ser fator determinante de um bom desempenho no que diz respeito ao uso adequado do PP. A diferença, neste caso, não chega a 2%.

TABELA 11: Percentual de acertos quanto à exposição à língua inglesa através da TV a cabo, vivência no exterior, docência e estudo anterior ao ingresso na UFRGS.

Total de questões= 28

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões não respondidas	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
com todas as variáveis	5	0	140	113 (80.7%)	27 (19.3%)
sem todas as variáveis	15	4	416	315 (75.7%)	101 (24.3%)

Uma vez que os dados obtidos através das tabelas 1 à 4, não forneceram indícios suficientes sobre o desempenho do aprendiz, no que diz respeito ao uso do PP, foi elaborada a tabela 5, na tentativa de obtenção de maiores informações sobre o perfil do aprendiz. Conforme se pode observar, na tabela 5 foram agrupados todos aqueles participantes que reuniam todas as variáveis que poderiam levar a um melhor desempenho. Constatamos, então, que os aprendizes que reúnem todas essas variáveis apresentam melhores resultados. Embora essa diferença no desempenho possa não parecer muito significativa, já que fica em 5%, é importante ressaltar que os aprendizes que reuniam todas essas variáveis eram apenas cinco. Estatisticamente falando, 80.7% de acertos entre 5, representa muito mais do que 75.7% entre 15.

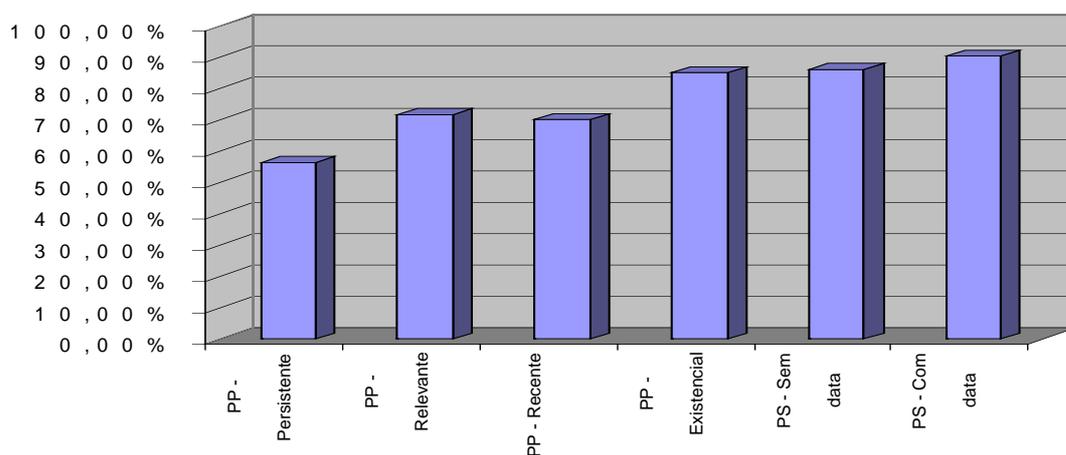
5.1.4 Discussão dos resultados

Ao observarmos os dados obtidos nos testes, nos defrontamos com a seguinte realidade: no que concerne ao perfil do aprendiz para que este apresente um bom desempenho no domínio do PP, os dados apontam para uma convergência de todas as variáveis.

No que tange os diferentes tipos de teste, nos deparamos com os seguintes dados: o teste de múltipla escolha foi o que apresentou uma maior incidência de acertos (87.4%), seguido pelos testes de tradução (77%) e, finalmente, pelos *cloze tests* (65.6%), os quais,

conforme já mencionado anteriormente, demandavam produção de conhecimento, sendo considerados, assim, os mais exigentes. As tarefas de tradução, embora também exigissem produção de conhecimento, contavam com a vantagem de terem sido aplicadas por último, o que, de certa forma, condicionava os aprendizes a optar por PS ou PP, fazendo, por conseguinte, com que eles monitorassem suas respostas.

As variáveis contextuais que parecem ter sido menos visíveis aos sujeitos no sentido de que não as levaram em consideração e, por conseguinte, apresentaram menor incidência de acertos nos testes aplicados foram: PP persistente, com 55.8% de acertos; seguida de PP relevante, com 71.6%; e de PP recente, com 70% de acertos. O Passado Simples sem marcação de data apresenta menor incidência de acertos (85.6%) do que o Passado Simples com data (89.2%). O gráfico a seguir ilustra melhor estes dados.

GRÁFICO 1: Percentual de acertos por variável contextual

As justificativas das respostas dos aprendizes nos testes revelam que os estudantes parecem relacionar o PP persistente ao Presente Simples ou ao Presente Perfeito Contínuo, ao passo que o Passado Simples estaria relacionado a ações que ocorreram em uma ocasião específica no passado. A relevância do presente, que é implicada no uso do PP, não parece estar integrada as associações de forma e significado feitas pelo aprendiz, ou ainda, não é suficientemente visível para ele.

Aparentemente, o aprendiz conta com dicas contextuais para fazer suas escolhas verbais. O PP persistente, por exemplo, normalmente aparece veiculado a advérbios como *since* ou *for*, o que

não foi o caso nesses testes. Quanto ao PP recente, as dicas contextuais aparecem através de advérbios como *just* ou *recently*, que, mais uma vez, não constavam nos testes.

O fato de o PP compartilhar alguns traços semânticos com o PS, ou ainda com o Presente Simples ou o Presente Perfeito Contínuo parece ofuscar as variáveis contextuais que determinam o seu uso, fazendo com que o aprendiz conte com dicas contextuais no momento da escolha do tempo verbal. Com o Passado Simples, o PP compartilha o traço semântico [+anterior]. O traço [+pontual] também é compartilhado com o PS, exceto quando o PP é persistente. Neste caso, ele compartilha o traço [-pontual] com o Presente Perfeito Contínuo e com o Presente Simples. O aprendiz precisa, portanto, segundo Bardovi-Harlig (1997), saber distinguir entre as formas semanticamente vizinhas para que possa fazer escolhas verbais apropriadas. No caso do PP e do SP, é o traço [relevância] que os diferencia. Sendo assim, o aprendiz precisa adquirir ambos os fatores, anterioridade e relevância atual, para, conseqüentemente, fazer a distinção entre a forma e o uso desses dois tempos verbais. Em outras palavras, noções de tempo e aspecto são fundamentais para que os aprendizes consigam distinguir PP de PS.

5.2 Análise dos dados dos falantes nativos

Na busca por resultados mais significativos que fossem suficientemente fortes para qualquer afirmação mais reveladora, os testes aplicados aos aprendizes brasileiros foram reescritos a fim de serem aplicados junto aos falantes nativos de língua inglesa. Nesta seção são apresentados os dados obtidos através destes, bem como, a análise dos mesmos. Em 5.2.1, são analisados os resultados obtidos através dos *cloze tests* e em 5.2.2, a análise reflete os resultados dos testes de múltipla escolha. A discussão dos resultados é apresentada em 5.2.3.

5.2.1 Distribuição de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais - Cloze Tests

TABELA 12: Percentual de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais – Cloze Tests

Variável contextual	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
PP persistente	3	21	14 (66.7%)	7 (33.3%)
PP relevante	1	7	6 (85.7%)	1 (14.3%)
Total	4	28	20 (71.4%)	8 (28.6%)

Conforme revelam os dados acima, o uso de PP persistente parece ser fonte de dificuldade também para os falantes nativos.

Torna-se oportuno, entretanto, mencionar os seguintes dados: 57.2% dos erros cometidos ocorreram na primeira questão do teste. Destes, 75% ocorreram devido ao uso do Presente Simples, e 25% devido ao uso do Passado Simples:

Extract 1:

*South America's two giants, Brazil and Argentina, have long been intense competitors. **They (1) have disputed (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world.** In the early 90's Argentina was the darling of the moneymen, but by mid-decade, it was Brazil's turn, as President Fernando Henrique Cardoso promised to marry capitalism and social justice.*

*Ever since, Brazil has been winning the race. **The government (2) has controlled (control) inflation and unemployment and put the books in the black.***

A análise da justificativa das respostas dos participantes do estudo com relação à primeira questão do teste, que envolve o uso do PP, em que houve uma maior incidência de erros, aponta para o fato que estes relacionam o fator persistência ao Presente Simples, o que parece demonstrar que estes, assim como os estudantes brasileiros, também adquiriram apenas parte do significado codificado pelo PP, apresentando dificuldades de uso, provavelmente devido aos traços semânticos que o PP compartilha com o PS. Aqueles participantes que escolheram o Presente Perfeito justificaram sua escolha por tratar-se de uma situação passada que se estende até o presente momento, e o participante que optou pelo uso de PS justificou sua escolha através da concordância dos tempos verbais da sentença:

"Past Tense to agree with the second verb 'spent', which is in the past tense."

O participante parece não ter observado, todavia, que, na sentença em questão, existem duas orações:

They (1) have disputed (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world.

A primeira oração se refere às diferentes disputas existentes entre os dois países, que vão desde futebol até as finanças, as quais persistem até o momento no qual o texto foi escrito. Já a segunda, refere-se à quantidade de tempo despendida com tais disputas no século anterior. O que temos, nesta sentença, portanto, são duas orações diferentes, uma regida por PP e a outra, por PS:

1- *They have disputed in every field, from football to finance.*

2- *They spent much of the past century vying for the cash and attention for the rest of the world.*

O participante que justificou sua escolha através da concordância com os outros tempos verbais da sentença demonstra que, assim como os aprendizes brasileiros, ele também faz uso de dicas contextuais para suas escolhas verbais. Os falantes nativos participantes deste estudo, de uma maneira geral, recorrem ao auxílio de dicas contextuais.

Na questão 2, que apresentou 85.7% de acertos, temos mais um exemplo deste fato:

*Ever since, Brazil has been winning the race. **The government (2) has controlled (control) inflation and unemployment and put the books in the black.***

Aqui, o participante demonstrou ter utilizado o advérbio como dica contextual para justificar sua resposta:

*“The words ‘ever since’ and the implied length of time required to bring inflation and unemployment under control urges me to employ **the past perfect tense.**”*

Podemos observar, através de suas palavras, que seu conhecimento metalingüístico não é acurado, o que não significa, entretanto, que ele não saiba usar o tempo verbal requerido. Há inclusive um erro de concordância verbal em sua frase (*urges*), o que demonstra que forma e uso nem sempre andam juntas.

Para a questão 1 do texto 2, em que temos 71.4% de acertos, também encontramos evidências do uso de dicas contextuais:

Extract 2:

*Most foreigners look at Indonesia and see the failing state evoked in international headlines: a place choking on smoke from forest fires, drowning in debt and struggling to recover from the Asian financial crisis. But there’s another Indonesia, which Eric Rosenkranz sees from the Hong Kong office of Grey Global Group, the advertising multinational. For him, few markets hold more promise than the archipelago of 216 million people. **In the last two years, Grey (1) has seen (see) revenue from its Indonesia office grow at double-digit rates, and it expects an additional 50***

percent increase this year. Rosenkranz sums up business in Indonesia as “phenomenal”.

Indonesia has become something of an oddity in an era of globalization: a pariah economy, doing quite well in semi-isolation. **Since the Asian crisis of '97, foreign investors (2) have avoided (avoid) Indonesia, where the crisis hit its lowest point in economic depression and political revolution.** Yet, Indonesia grew at a healthy 3.3 percent clip last year, helped by resurgent consumers.

Neste caso, um dos participantes justificou ter usado o PP em função do advérbio temporal *in the last two years*:

“In the last two years: action began in past and continues”

Para este participante, o advérbio de tempo *in the last two years* implica continuidade, o que parece não ter ficado claro para o único participante que optou pelo uso de PS:

“Preterite due to the definite period of time”.

Os demais afirmaram ter optado por PP por se tratar de uma ação passada que continua até o presente, ou ainda, por concordância verbal.

A segunda questão deste texto, que apresentou 85.7% de acertos, também fornece informações relevantes no que diz respeito às dicas contextuais utilizadas pelos aprendizes:

Since the Asian crisis of '97, foreign investors (2) have avoided (avoid) Indonesia, where the crisis hit its lowest point in economic depression and political revolution.

50% dos participantes que justificaram suas respostas afirmaram ter usado o PP em função do advérbio *since*.

5.2.2 Distribuição de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais - Multiple Choice Test

TABELA 13: Percentual de acertos quanto a diferentes variáveis contextuais – Multiple Choice Test

Variável contextual	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
PP persistente	1	7	5 (71.4%)	2 (28.6%)
PS sem data	1	7	6 (85.7%)	1 (14.3%)
Total	2	14	11 (78.6%)	3 (21.4%)

A justificativa das respostas dos participantes com relação a essa questão do teste revela que os falantes nativos, assim como os aprendizes brasileiros, às vezes parecem não atentar para o contexto geral em que os verbos estão inseridos na hora de fazerem suas escolhas. Os falantes que não acertaram a questão, optaram pelo uso do Passado Simples sob a justificativa de tratar-se de uma ação passada ocorrida no ano anterior. No entanto, ao observarmos o contexto, verificamos que a informação contida na sentença anterior

relaciona-se ao ano que passou, porém, a situação da sentença em questão é persistente e relevante para o presente:

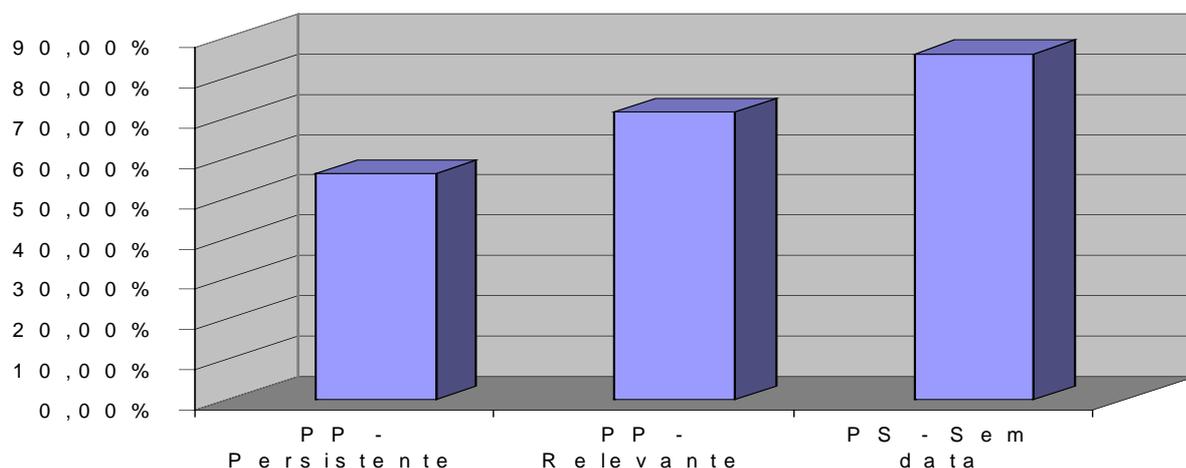
Something strange has happened to the mobile phone. In defiance of all industry forecasts, today's user seems to want to write, not chat. SMS, Short Message Service, has been around for a decade, but in recent years it began spreading like a virus throughout the globe. Last year the number of messages sent jumped fivefold, reaching 15 billion in December alone, or 200 billion in the past year, by some estimates. "The growth (1) (was / has been) amazing," says Bryony Clow of Vodafone, the world's largest mobile-phone network. "And there seems to be no end to it." Consultants at Logica, the U.K. software firm, reckon that by the end of 2002 the monthly total may reach 100 billion – or more than 15 messages for every person on the planet.

This phenomenon has surprised everybody. The telecom industry adopted SMS as a standard technology in 1991 as a way to sop up extra network capacity, just in case somebody somewhere might find it useful. Unlike e-mail, text messages arrive almost instantaneously, so that two people can have a text-based conversation as though they were in an Internet chat room. At first, subscribers were able to send messages only within their own networks. The service was neither advertised nor promoted. Phone manufacturers were no more ambitious: telephone keyboards are optimized for numbers, not letters. On many handsets, it still takes plenty of scrolling just to find the menu options for texting.

A year ago, teenagers and twenty-somethings spotted potential. Here was an efficient way of communicating that had the powerful charm of novelty. Numbers rose rapidly, specially in the tech-friendly countries of the far East and Scandinavia, where the mobile-phone boom first (2) (took off / has taken off) among young consumers. "This was the accidental revolution," says Simon Buckingham of the Mobile Lifestreams consultancy. "Consumers just adopted SMS as their own medium. Every generation needs its own way of expressing itself; this is the text generation."

Na questão 2, com 85.7% de acertos, a maioria dos participantes justificou sua opção por PS por tratar-se de um evento passado corrido em um intervalo de tempo específico. O participante que optou por PP não justificou sua resposta.

O gráfico a seguir ilustra o percentual de acertos por variável contextual, independentemente do tipo de teste.

GRÁFICO 2: Percentual de acertos por variável contextual

Na próxima seção é apresentada a discussão dos resultados obtidos através dos dados coletados, bem como uma análise comparativa envolvendo o desempenho dos falantes nativos e dos aprendizes brasileiros.

5.2.3 Discussão dos resultados

A amostra apresentou um percentual de acertos equivalente em ambos os testes, porém, mais uma vez, observamos que nos *cloze tests*, os participantes estiveram menos condicionados ao uso dos dois tempos verbais em questão; optando, determinadas vezes, pelo uso do Presente Simples.

É possível detectarmos, também, através da análise das justificativas de respostas dos falantes nativos, que seu conhecimento metalingüístico não é acurado; entretanto, isso não impede o uso apropriado das estruturas lingüísticas, que podem ser perfeitamente adquiridas através da exposição à língua. A intuição, neste caso, pode ter agido como um fator determinante na escolha do tempo verbal adequado, o que não parece ter ocorrido com tanta freqüência nos testes aplicados junto aos estudantes brasileiros, em que se observou um maior conhecimento metalingüístico através de suas justificativas de respostas, o qual pode ter determinado suas escolhas.

A tabela abaixo ilustra comparativamente o desempenho dos falantes nativos e dos estudantes brasileiros participantes do presente estudo com relação ao uso do PP.

TABELA 14: Percentual comparativo do desempenho dos falantes nativos e dos aprendizes brasileiros - I

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
estudante brasileiro	20	28	556	428 (77%)	128 (23%)
falante nativo	7	5	35	25 (71.4%)	10 (28.6%)

Ao observarmos os dados da amostra, verificamos, então, que os estudantes brasileiros apresentaram um desempenho superior aos falantes nativos. No entanto, convém lembrar que aos falantes nativos,

somente foram aplicadas aquelas questões do teste em que havia dados com resultados mais discrepantes. Se analisarmos os dados dos estudantes brasileiros referentes apenas a essas questões, nos deparamos com uma realidade bastante adversa. Neste caso, o percentual de acertos dos estudantes cairia para 49.5%, revelando assim, um desempenho não muito satisfatório e uma diferença bastante significativa.

De fato, foram duas as questões que apresentaram resultados mais discrepantes. A primeira foi a questão 1 do *cloze test*, com apenas 30% de acertos entre os estudantes brasileiros, e 42.6% entre os falantes nativos:

*They (1) **have disputed** (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world.*

A segunda questão com resultados mais discrepantes foi questão 4 do segundo teste de tradução, com 35% de acertos entre os estudantes brasileiros:

(4) ("Telefonei para você? Onde eu estou com a cabeça!")

Os testes de tradução foram aplicados somente com um falante nativo, uma vez que houve dificuldade de se encontrar falantes nativos

com um bom domínio da língua portuguesa para que se fossem aplicados os testes. O resultado da questão que apresentou apenas 35% de acertos entre os estudantes, neste caso fica em 0% de acertos, uma vez que o único participante da pesquisa não acertou a questão. Através da análise da justificativa das respostas do participante, chega-se à conclusão que os resultados foram baixos não em função de o participante não saber usar o PP, mas sim, por ele atentar para o uso coloquial da linguagem. Conforme é sabido e já mencionado no capítulo 1, o PP e o PS, podem ser intercambiáveis se levarmos em consideração o usuário da linguagem e o contexto de fala, sendo o PS usado com mais frequência mesmo em contextos em que o traço semântico [+relevante] se faz presente. O traço [-formal] nesta questão parece ter sido um fator determinante para a escolha do PS em detrimento do PP.

Com relação a primeira questão do *cloze test* (*'They have disputed in every field, from football to finance...'*), se analisarmos bem o contexto em que está inserida, verificamos que há uma forte justificativa para as opções pelo Presente Perfeito Contínuo, já que este diferencia-se do primeiro por enfatizar a continuidade dos fatos e, ainda pelo Presente Simples, uma vez que este vem a ser um dos elementos combinatórios que compõem o PP. No exercício em questão, os participantes parecem ter optado pelo elemento de maior visibilidade, isto é, o Presente Simples, no caso desta questão.

Se desconsiderarmos essas questões na tentativa de obtenção de dados mais precisos, verificamos que os participantes deste estudo apresentam resultados muito semelhantes, ficando os estudantes com um percentual de 79.6% de acertos, e os falantes nativos, com 78.6%. A tabela abaixo ilustra estes dados com mais exatidão.

TABELA 15: Percentual comparativo do desempenho dos falantes nativos e dos aprendizes brasileiros - II

Perfil do aprendiz	Número de aprendizes	Número de questões	Total de respostas	Incidência de acertos	Incidência de erros
estudante brasileiro	20	26	520	414 (79.6%)	102 (20.4%)
falante nativo	7	4	28	22 (78.6%)	6 (21.4%)

É importante ressaltar, novamente, que 79.6% em um universo de 20 participantes não tem o mesmo peso de 78.6% em um universo de 7 participantes, o que representa uma das limitações desta pesquisa. O ideal seria que ambos os universos tivessem o mesmo número de participantes pois teríamos, assim, a mesma proporção de acertos. No entanto, devido à dificuldade de encontrar falantes nativos disponíveis a participar do estudo, este trabalho apresentou esta limitação.

No próximo capítulo, são apresentadas as conclusões obtidas através da análise e da discussão dos resultados obtidos através dos testes, bem como algumas limitações desta pesquisa.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de investigar as causas das dificuldades envolvidas na aquisição do Presente Perfeito Simples por aprendizes de inglês como LE, este trabalho apresentou, em seu primeiro capítulo, uma revisão do uso do PP, tal como é abordado nas gramáticas pedagógicas e materiais didáticos de reconhecida qualidade; para, então, no segundo capítulo, apresentar a teoria aspectual proposta por Carlota Smith, a fim de que fosse utilizada para uma análise mais profunda do PP, presente no capítulo três.

No capítulo quatro, há uma descrição da metodologia de pesquisa adotada quanto ao contexto da pesquisa, aos participantes do estudo, às hipóteses e aos objetivos, assim como os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados e a metodologia utilizada para a análise dos mesmos, a qual está presente no capítulo cinco, juntamente com a discussão dos resultados. A seguir, são

apresentadas as conclusões obtidas através da análise e discussão dos dados.

Conforme visto na análise e discussão dos resultados, a tentativa de se tirar uma conclusão simples e absoluta no que diz respeito às causas das dificuldades no uso do PP foi praticamente inviável, uma vez que se trata de um assunto extremamente complexo e que esta pesquisa apresenta algumas limitações.

Em primeiro lugar, conforme Bardovi-Harlig (2000), estudos transitudiniais como este, tendem a apresentar uma maior generalização dos dados do que estudos longitudinais. Um estudo longitudinal ofereceria melhores condições para a compreensão dos fatores que influenciam as etapas de aquisição e o conseqüente bom domínio do perfeito por aprendizes de inglês como LE. Conforme visto neste trabalho, variáveis como docência, número de horas de estudo, exposição à TV a cabo e vivência no exterior não parecem ser determinantes de um bom desempenho se consideradas isoladamente. Os dados apontam para uma convergência de todas essas variáveis no sucesso do uso do PP, fato também constatado por Fortes (2002) em seu estudo sobre a aquisição do PP e do PP progressivo por brasileiros aprendizes de inglês como LE.

Uma outra limitação desta pesquisa diz respeito à coleta de dados escritos, o que permite um acesso apenas parcial ao processamento lingüístico dos aprendizes, podendo, assim, apresentar um panorama distorcido dos fatos. Uma vez que os dados provêm de um instrumento escrito, é inevitável que os participantes do estudo apresentem um foco maior na forma. Provavelmente o uso do PP em um ambiente de vivência natural seja diferente do que em uma situação de teste, em que o conhecimento consciente é monitorado de forma mais constante do que o conhecimento automático, o qual se sobressairia em uma situação de vivência natural.

Os testes aplicados neste estudo foram elaborados contendo o mesmo número de questões, tanto para o PP, quanto para o PS. No entanto, foi difícil atingir tal proporcionalidade no que concerne às variáveis contextuais. Em sua totalidade, os testes apresentaram vinte e oito questões, quatorze com PS e quatorze com PP. Destas, seis continham o PP persistente, três continham o PP relevante, quatro o PP recente, e apenas uma questão continha o PP existencial. A dificuldade na busca por textos contendo as diferentes variáveis contextuais que determinam o uso do PP, a qual foi bastante extensa, revelou que o PP persistente é mais usado do que os outros, e ainda, que o existencial seja muito pouco usado. Este uso inclusive só foi encontrado em um texto em português, o que pode ter ocorrido devido ao teor dos textos. Os textos em inglês

foram extraídos da revista *Newsweek*, contendo notícias da atualidade. Já os textos em português tratavam de assuntos mais intimistas. A escolha dos textos, no entanto, ocorreu aleatoriamente, não revelando nenhuma decisão consciente por parte do pesquisador.

Convém lembrar ainda que, segundo Klein (1992), existe uma certa ambigüidade na interpretação das sentenças no PP com relação as suas diferentes leituras, a qual se deve ao fato de ambos, distância e freqüência da situação, serem deixados em aberto. Sendo assim, a classificação do PP tal como está representada nos testes, está sujeita a divergências, o que vem a ser mais uma limitação desta pesquisa.

Dadas as limitações, podemos afirmar que ambos os grupos de sujeitos, falantes nativos e falantes não nativos, apresentam algumas dificuldades no uso do Presente Perfeito Simples, especialmente no que diz respeito ao PP persistente. Ambos os grupos apresentaram um percentual de acertos entre 70 e 80% num panorama geral. No entanto, conforme visto no capítulo anterior, a variável PP persistente apresentou uma menor incidência de acertos, tanto entre os falantes nativos, quanto entre os falantes não-nativos participantes deste estudo. No que concerne especificamente a esta variável contextual, ambos os grupos apresentaram um percentual de acertos inferior a

70%, ficando os falantes nativos com 67,9% de acertos, e os aprendizes brasileiros com apenas 56,7%.

No que diz respeito especificamente aos aprendizes participantes desta pesquisa, pode-se dizer que, de um modo geral, eles apresentaram uma boa sensibilidade no que diz respeito aos usos do PP. Na língua portuguesa, o traço [+anterior] está relacionado ao Pretérito Perfeito, ao passo que o traço [+relevante], está relacionado ao Presente do Indicativo, não havendo a existência de ambos os traços simultaneamente, como ocorre na língua inglesa, no Presente Perfeito Simples. Tal fato pode ter levado os aprendizes a recorrer às estruturas de sua língua materna para corroborar suas escolhas, o que demonstra uma dificuldade na distinção entre formas semanticamente semelhantes, fato exposto na hipótese formulada para este estudo.

É importante deixar claro que os resultados aqui apresentados não são definitivos e nem conclusivos. No entanto, estes resultados trazem uma importante contribuição para o ensino do PP em sala de aula. Em primeiro lugar, se os aprendizes tendem realmente a recorrer à língua materna para a corroboração de suas escolhas morfológicas, o ensino deveria dar ênfase às diferenças de marcação aspectual entre a L1 e a L2.

Em segundo lugar, se os aprendizes têm dificuldades em diferenciar formas semanticamente semelhantes, o ensino deveria priorizar as variáveis contextuais que operam na situação comunicativa (relevância atual, passado recente, situação persistente, possibilidade de re-ocorrência) a fim de que os aprendizes tenham mais subsídios para a distinção entre estas formas, isto é, PP e PS. Uma vez que estas variáveis contextuais orientam o enfoque da situação passada, o enfoque do usuário da linguagem para os eventos passados, ou seja, o ponto de vista, que vem a ser uma consideração pragmática (Givón, 1984), deveria ser melhor explorado no ensino do PP.

Uma outra consideração a ser feita diz respeito ao tipo de instrução a ser propiciado ao aprendiz no que tange o ensino do PP. Segundo Spada (2003), diferentes tipos de instrução afetam os aprendizes de diferentes maneiras. Os aprendizes têm dificuldade de enfocar forma e significado se a forma não acrescenta ao significado, como é o caso do PP: na maioria das vezes, o significado não se perde se ele errar a forma, trocando-o pelo PS. Neste caso, o ensino explícito separando forma de significado demonstra ser de grande valia. Sugerimos, portanto, que sejam realizadas novas pesquisas na área de aquisição do PP por aprendizes de inglês como L2 e como LE, investigando se a instrução com foco explícito na forma, enfatizando as diferenças de marcação aspectual entre a L1 e a L2 e, ainda, priorizando as variáveis contextuais que operam na situação

comunicativa no momento da escolha do tempo verbal adequado: PP ou SP.

Propomos ainda, que seja feito um estudo longitudinal, o qual seria mais apropriado para que os resultados dessa pesquisa fossem confirmados e também contribuiria com o ensino do PP, uma vez que os resultados das pesquisas influenciam diretamente na formulação de materiais didáticos e no ensino em si. Quanto mais os professores souberem sobre o assunto, mais eles terão condições de ativar a consciência dos aprendizes sobre o funcionamento da linguagem. Usar a linguagem gramaticalmente e ser capaz de se comunicar não são a mesma coisa, mas ambos são importantes metas. Sendo assim, segundo Celce-Murcia & Larsen-Freeman (1992), a área de ensino da linguagem muito se beneficia ao ajudar o aprendiz a atingir ambas as metas. Para tal, faz-se necessário que os professores tenham acesso a pesquisas e a estudos em aquisição da linguagem.

Esperamos, portanto, ter acrescentado para as pesquisas na área no sentido de ter contribuído com dados que possam servir de referência e de instigação para a realização de novas pesquisas e ter contribuído, também, no sentido de provocar reflexões sobre o ensino do

PP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, R. **The acquisition of verbal morphology.** Los Angeles. University of California. *Linguística*, vol.1, 1989: 89-141.

ANDERSEN, R. **Developmental sequences: the emergence of aspect marking in second language acquisition.** In: HUEBENER, T. e FERGUSON. C. (Eds.) *Cross-currents in second language acquisition and linguistic theories*. Philadelphia: John Benjamins, 1991: 305-324.

ANTINUCCI, F. & MILLER, R. **How children talk about what happened.** *Journal of Child Language*, v. 3, 1976: 169-189.

BARDOVI-HARLIG, K. **The relationship of form and meaning: A cross-sectional study of tense and aspect in the interlanguage of learners of English as a second language.** *Applied Psycholinguistics* 13, 1992: 253-278.

BARDOVI-HARLIG, K. **Another piece of the puzzle: the emergence of the present perfect.** *Language Learning* 47, 1997: 375- 422.

BARDOVI-HARLIG, K. **Narrative Structure and lexical aspect: conspiring factors in second language acquisition of tense-aspect morphology.** *Studies in second Language Acquisition*, v. 20, 1998: 471-508.

BARDOVI-HARLIG, K. **Tense and aspect in second language acquisition: Form, meaning and use.** Malden, MA: Blackwell, 2000.

BINNICK, R. I. **Time and the verb.** New York: Oxford University Press, 1991.

CELCE-MURCIA, M. & LARSEN-FREEMAN, D. **The Grammar Book.** Massachusetts: Newberry House Publishers, 1999.

COMRIE, B. **Aspect – an introduction to the study of verbal aspect and related problems.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense.** New York: Cambridge University Press, 1985.

DEPRAETERE, I. **On the resultative character of present perfect sentences.** *Journal of Pragmatics* 29, 1998: 597-613.

DOWTY, D. **Towards a semantic analysis of verb and aspect and the English imperfective progressive.** *Linguistics and Philosophy* 1, 1977: 45- 77.

DOWTY, D.R. **Word meaning and Montague grammar. The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's.** PTQ. Dordrecht: Reidel, 1979.

FLORES, V. **Para um estudo enunciativo da categoria aspecto nos verbos do Português do Brasil.** *Letras de Hoje*, vol. 34, 1999: 91-126.

FORTES, M. S. **Aquisição do presente perfeito e do presente perfeito progressivo por brasileiros aprendizes de inglês como língua estrangeira.** Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras. Porto Alegre, UFRGS, 2002.

GATHERCOLE, V. C. **The acquisition of the present perfect: explaining differences in the speech of Scottish and American children.** *Journal of Child Language* 13, 1986: 537- 560.

GIVÓN, T. **Syntax: A Functional Typological Introduction.**

Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GRICE, H. P. **Logic and Conversation. Speech acts.** Editado por

Peter Cole & Jerry Morgan, New York. Academic Press, 1975: 41-58.

HATAV, G. **The aspect system in English: an attempt at a unified analysis.** *Linguistics* 31. 1993: 209-237.

HOLLET, V. **Business Opportunities.** Oxford university Press, 1995.

JACOBS, R. A. **English Syntax. A Grammar for English**

Language Professionals. Oxford University Press, 1995: 187-215.

JOHNSON, C. **The emergence of present perfect verb forms:**

semantic features on selective imitation. *Journal of Child language,*

1985: 325- 352.

KENNY, A. **Action, Emotion and Will.** New York: Springer, 1963.

KLEIN, W. **The present perfect puzzle.** *Language*, vol. 38. No.3, 1992.

MEDEIROS, M. **Topless.** Porto Alegre: L&PM, 1998.

MEULEN, A. G. B. T. **Representing Time in Natural Language.** 1995.

MICHAELIS, L. A. **The ambiguity of the English perfect.** *Linguistics* 30.1994: 111-157.

MOURELATOS, A. P.D. **Events, processes and states. Syntax and semantics.** Volume 14. Academic Press Inc.,1981:191-212.

MURPHY, R. **English Grammar in Use: a self-study reference and practice book for intermediate students.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

PALMER, F. R. **A Linguistic Study of the English Verb.** London: Longman Linguistics Library, 1965.

QUIRK, R. et al. **A Comprehensive Grammar of the English Language.** London: Longman, 1990.

RICHARDS, J. C. **New Interchange. English for International Communication.** Cambridge University Press, 1997.

ROBISON, R. E. **The Primacy of Aspect: aspectual marking in English interlanguage.** *Studies in Second Language Acquisition*, Vol.2, n.3, 1990: 315-330.

ROBISON, R. E. **The aspect hypothesis revisited: a cross-sectional study of tense and aspect marking in language.** *Applied Linguistics*, Vol.16, n. 3. Oxford University Press, 1995: 344-370.

SMITH, C. **A theory of aspectual choice.** *Language*. Vol. 59, n. 3, 1983: 479-501.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect.** 2 ed. Dordrecht. Kuwer Academic Publishers, 1997.

SOARS, J. & L. **Headway.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

SPADA, N. **Integration or Separation? Form and Meaning in Second/Foreign Language Learning.** Palestra realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy.** Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERÍSSIMO, L.F. **As mentiras que os Homens Contam.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

YULE, G. **Pragmatics**. Oxford introductions to language study. Series
Editor H.G. Widdowson. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ANEXO I
QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DO PERFIL DO
APRENDIZ

STUDENT DATA

1- Nome: _____

2- Idade: _____

3- Você já esteve no exterior? () sim () não

Estimativa de tempo no exterior efetivamente exposto ao inglês e falando inglês: _____

4- Tempo estimado de exposição semanal à língua inglesa através de TV à cabo: _____ horas.

5- Você dá aulas de inglês? () sim () não

Tempo de docência em língua inglesa: _____

6- Você já possuía conhecimento da língua inglesa antes de ingressar na UFRGS?

() sim () não

Origem do conhecimento anterior:

() curso livre

() aula particular

() autodidata

() escola

() _____

7- Estimativa de tempo de estudo anterior total (em horas):

ANEXO 2
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS APLICADO AOS
APRENDIZES

CLOZE TESTS

Scan the extracts below in order to have a general view of the texts, then, use the most appropriate form of the verb to complete each gap.

Extract 1:

South America's two giants, Brazil and Argentina, have long been intense competitors. They (1) _____ (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world. In the early 90's Argentina (2) _____ (be) the darling of the moneymen, but by mid-decade, it (3) _____ (be) Brazil's turn, as President Fernando Henrique Cardoso promised to marry capitalism and social justice.

Ever since, Brazil has been winning the race. The government (4) _____ (control) inflation and unemployment and put the books in the black.

(adapted from Newsweek – June 18, 2001)

Please, explain your answer choice for (1) above:

Extract 2:

Most foreigners look at Indonesia and see the failing state evoked in international headlines: a place choking on smoke from forest fires, drowning in debt and struggling to recover from the Asian financial crisis. But there's another Indonesia, which Eric Rosenkranz sees from the Hong Kong office of Grey Global Group, the advertising multinational. For him, few markets hold more promise than the archipelago of 216 million people. In the last two years, Grey (1) _____ (see) revenue from its Indonesia office grow at double-digit rates, and it expects an additional 50 percent increase this year. Rosenkranz sums up business in Indonesia as "phenomenal".

Indonesia (2) _____ (become) something of an oddity in an era of globalization: a pariah economy, doing quite

well in semi-isolation. Since the Asian crisis of '97, foreign investors (3) _____ (avoid) Indonesia, where the crisis hit its lowest point in economic depression and political revolution. Yet, Indonesia (4) _____ (grow) at a healthy 3.3 percent clip last year, helped by resurgent consumers.

(adapted from Newsweek – March, 2002)

Please, explain your answer choice for (2) above:

MULTIPLE CHOICE TEST

Scan the extract below in order to have a general view of the text, then, choose the most appropriate verb form to complete each gap.

Something strange (1) (happened / has happened) to the mobile phone. In defiance of all industry forecasts, today's user seems to want to *write*, not chat. SMS, Short Message Service, has been around for a decade, but in recent years it began spreading like a virus throughout the globe. Last year the number of messages sent (2) (jumped / has jumped) fivefold, reaching 15 billion in December alone, or 200 billion in the past year, by some estimates. "The growth (3) (was / has been) amazing," says Bryony Clow of Vodafone, the world's largest mobile-phone network. "And there seems to be no end to it." Consultants at Logica, the U.K. software firm, reckon that by the end of 2002 the monthly total may reach 100 billion – or more than 15 messages for every person on the planet.

This phenomenon (4) (surprised / has surprised) everybody. The telecom industry (5) (adopted / has adopted) SMS as a standard technology in 1991 as a way to sop up extra network capacity, just in case somebody somewhere might find it useful. Unlike e-mail, text messages arrive almost instantaneously, so that two people can have a text-based conversation as though they were in an Internet chat room. At first, subscribers (6) (were / have been) able to send messages only within their own networks. The service was neither advertised nor promoted. Phone manufacturers were no more ambitious: telephone keyboards are optimized for numbers, not letters. On many handsets, it still takes plenty of scrolling just to find the menu options for texting.

A year ago, teenagers and twenty-somethings (7) (spotted / have spotted) potential. Here was an efficient way of communicating that had the powerful charm of novelty. Numbers rose rapidly, specially in the tech-friendly countries of the far East and Scandinavia, where the mobile-phone boom first (8) (took off / has taken off) among young consumers. "This was the accidental revolution," says Simon Buckingham of the Mobile Lifestreams consultancy. "Consumers just adopted SMS as their own medium. Every generation needs its own way of expressing itself; this is the text generation."

(Newsweek – April 2, 2001)

Please, explain your answer choices for the following numbers from the extract above:

(1): _____

(6): _____

TRANSLATION TESTS

Scan the extracts below in order to have a general understanding of the texts, then, translate the underlined expressions into English. Below some of the extracts you will find some vocabulary suggestions to help you in your translation.

Extract 1:

Para nossas bisavós, ser feliz (1) era fácil. Bastava casar e ter filhos. Aos 20 anos de idade, muitas já tinham alcançado o seu objetivo. Para outros, a felicidade estava em ser competente na profissão escolhida: muitos anos de estudo, um período de estágio, alguma experiência e chegava-se lá. Ser feliz (2) sempre foi o grande desejo universal e as pessoas (3) não se preocupavam com a quantidade de tempo investida para alcançar sua meta. Dois anos? Dez? O que (4) importava era a realização.

Priscas eras. Quem, hoje, está disposto a esperar meia-hora para ser feliz? A felicidade conquistada lentamente, passo a passo, (5) virou uma vaga lembrança. Estamos vivendo a era da felicidade instantânea. Precisamos, para ontem, de um jatinho particular, um apê em Nova York e um nariz novo. Nada que uma Supersena acumulada não resolva.

Por que esta urgência de viver? Simples: porque a morte tem chegado à bala. A violência urbana (6) mudou o nosso conceito de felicidade. De dia comemos um churrasco com a família, à noite podemos estar enterrando um amigo morto estupidamente num acidente de carro. Na segunda-feira tossimos, na terça temos câncer de pulmão. De manhã nossa filha era uma criança, à tarde ela está nos braços de um marginal, virando mulher à força. Nossa vida está valendo muito pouco. Uma briga de trânsito, uma porta aberta inadvertidamente, um diagnóstico, e *the game is over*.

(Martha Medeiros)

Vocabulary aid:

- preocupar-se: worry
- importar: matter
- virar: turn into
- mudar: change

Answers:

(1) _____

- (2) _____
(3) _____
(4) _____
(5) _____
(6) _____

Please, explain your answer choice for (3) above:

Extract 2:

Um homem só se conhece em duas situações: quando está sob a ameaça de uma arma ou quando quer conquistar uma mulher. Você pode argumentar que ambas são situações de descontrole emocional. Errado: o descontrole é o homem. O controle é o disfarce. Você deve se julgar pelo seu comportamento quando (1) enfrentou a possibilidade da morte ou quando estava a fim da (o nome é hipotético) Gesileide. Aquela vez que você se escondeu atrás de um poste para ver se ela chegava em casa com alguém. Meia-noite e você atrás do poste, sob o olhar curioso de cachorros e porteiros, fingindo que lia a lista do bicho no escuro. Aquele imbecil – e não esse cidadão adulto, respeitável, razoável, comedido, talvez até com títulos – é você. Tudo mais é a capa do imbecil essencial. Tudo mais é fingimento. Você (2) nunca foi tão você quanto atrás daquele poste.

Pense em (3) tudo o que você já fez para conquistar uma mulher. Os falsos encontros casuais, cuidadosamente arquitetados. Os falsos telefonemas errados, só para ouvir a voz dela. (4) (“Telefonei para você? Onde eu estou com a cabeça!”) As bobagens que você disse, tentando impressiona-la. Pior, as bobagens que você ensaiou em casa e disse como se tivesse pensado na hora. O que você lhe escreveu, sem revisão ou autocrítica. Aquele ridículo (5) era você. Os dias e dias que você passou só pensando nela. Tanta coisa para fazer, e você escrevendo o nome dela sem parar. Gesileide (digamos), Gesileide, Gesileide... E as mentiras? E a vez que você inventou que era meio-primo do Julio Iglesias?

E o que você (6) sofreu quando parecia que não ia dar certo? Como um adolescente. Aquele adolescente era você. Isso que você é agora é o disfarce, é o imbecil essencial em recesso provisório. Só o vexame é autêntico num homem.

(Luis Fernando Veríssimo)

Vocabulary aid:

- enfrentar: face
- fazer: do
- telefonar: call
- sofrer: suffer

Answers:

- (1) _____
- (2) _____
- (3) _____
- (4) _____
- (5) _____
- (6) _____

Please, explain your choice for (4) above:

ANEXO 3

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS APLICADO AOS

FALANTES NATIVOS

Name: _____

Age: _____

Profession: _____

CLOZE TESTS

Scan the extracts below in order to have a general view of the texts, then, use the most appropriate form of the verb to complete each gap.

Extract 1:

South America's two giants, Brazil and Argentina, have long been intense competitors. They (1) _____ (dispute) in every field, from football to finance, and spent much of the past century vying for the cash and attention of the rest of the world. In the early 90's Argentina was the darling of the moneymen, but by mid-decade, it was Brazil's turn, as President Fernando Henrique Cardoso promised to marry capitalism and social justice.

Ever since, Brazil has been winning the race. The government (2) _____ (control) inflation and unemployment and put the books in the black.

(adapted from Newsweek – June 18, 2001)

Please, explain your answer choices:

(1) _____

(2) _____

Extract 2:

Most foreigners look at Indonesia and see the failing state evoked in international headlines: a place choking on smoke from forest fires, drowning in debt and struggling to recover from the Asian financial crisis. But there's another Indonesia, which Eric Rosenkranz sees from the Hong Kong office of Grey Global Group, the advertising multinational. For him, few markets hold more promise than the archipelago of 216 million people. In the last two years, Grey (1) _____ (see) revenue from its Indonesia office grow at

double-digit rates, and it expects an additional 50 percent increase this year. Rosenkranz sums up business in Indonesia as “phenomenal”.

Indonesia has become something of an oddity in an era of globalization: a pariah economy, doing quite well in semi-isolation. Since the Asian crisis of '97, foreign investors (2) _____ (avoid) Indonesia, where the crisis hit its lowest point in economic depression and political revolution. Yet, Indonesia grew at a healthy 3.3 percent clip last year, helped by resurgent consumers.

(adapted from Newsweek – March, 2002)

Please, explain your answer choices:

(1) _____
(2) _____

MULTIPLE CHOICE TEST

Scan the extract below in order to have a general view of the text, then, choose the most appropriate verb form to complete each gap.

Something strange has happened to the mobile phone. In defiance of all industry forecasts, today's user seems to want to *write*, not chat. SMS, Short Message Service, has been around for a decade, but in recent years it began spreading like a virus throughout the globe. Last year the number of messages sent jumped fivefold, reaching 15 billion in December alone, or 200 billion in the past year, by some estimates. “The growth (1) (was / has been) amazing,” says Bryony Clow of Vodafone, the world's largest mobile-phone network. “And there seems to be no end to it.” Consultants at Logica, the U.K. software firm, reckon that by the end of 2002 the monthly total may reach 100 billion – or more than 15 messages for every person on the planet.

This phenomenon has surprised everybody. The telecom industry adopted SMS as a standard technology in 1991 as a way to sop up extra network capacity, just in case somebody somewhere might find it useful. Unlike e-mail, text messages arrive almost instantaneously, so that two people can have a text-based conversation as though they were in an Internet chat room. At first, subscribers were able to send messages only within their own networks. The service was neither advertised nor promoted. Phone manufacturers were no more ambitious: telephone keyboards are

optimized for numbers, not letters. On many handsets, it still takes plenty of scrolling just to find the menu options for texting.

A year ago, teenagers and twenty-somethings spotted potential. Here was an efficient way of communicating that had the powerful charm of novelty. Numbers rose rapidly, specially in the tech-friendly countries of the far East and Scandinavia, where the mobile-phone boom first (2) (took off / has taken off) among young consumers. “This was the accidental revolution,” says Simon Buckingham of the Mobile Lifestreams consultancy. “Consumers just adopted SMS as their own medium. Every generation needs its own way of expressing itself; this is the text generation.”

(Newsweek – April 2, 2001)

Please, explain your answer choices:

(1): _____

(2): _____

TRANSLATION TESTS

Scan the extracts below in order to have a general understanding of the texts, then, translate the underlined expressions into English.

Extract 1:

Para nossas bisavós, ser feliz era fácil. Bastava casar e ter filhos. Aos 20 anos de idade, muitas já tinham alcançado o seu objetivo. Para outros, a felicidade estava em ser competente na profissão escolhida: muitos anos de estudo, um período de estágio, alguma experiência e chegava-se lá. Ser feliz (1) sempre foi o grande desejo universal e as pessoas não se preocupavam com a quantidade de tempo investida para alcançar sua meta. Dois anos? Dez? O que importava era a realização.

Priscas eras. Quem, hoje, está disposto a esperar meia-hora para ser feliz? A felicidade conquistada lentamente, passo a passo, (2) virou uma vaga lembrança. Estamos vivendo a era da felicidade instantânea. Precisamos, para ontem, de um jatinho particular, um apê em Nova York e um nariz novo. Nada que uma Supersena acumulada não resolva.

Por que esta urgência de viver? Simples: porque a morte tem chegado à bala. A violência urbana mudou_o nosso conceito de felicidade. De dia comemos um churrasco com a família, à noite podemos estar enterrando um amigo morto estupidamente num acidente de carro. Na segunda-feira tossimos, na terça temos câncer de pulmão. De manhã nossa filha era uma criança, à tarde ela está nos braços de um marginal, virando mulher à força. Nossa vida está valendo muito pouco. Uma briga de trânsito, uma porta aberta inadvertidamente, um diagnóstico, e *the game is over*.

(Martha Medeiros)

Please, explain your answer choice for (1) AND (2) above:

Extract 2:

Um homem só se conhece em duas situações: quando está sob a ameaça de uma arma ou quando quer conquistar uma mulher. Você pode argumentar que ambas são situações de descontrole emocional. Errado: o descontrole é o homem. O controle é o disfarce. Você deve se julgar pelo seu comportamento quando (1) enfrentou a possibilidade da morte ou quando estava a fim da (o nome é hipotético) Gesileide. Aquela vez que você se escondeu atrás de um poste para ver se ela chegava em casa com alguém. Meia-noite e você atrás do poste, sob o olhar curioso de cachorros e porteiros, fingindo que lia a lista do bicho no escuro. Aquele imbecil – e não esse cidadão adulto, respeitável, razoável, comedido, talvez até com títulos – é você. Tudo mais é a capa do imbecil essencial. Tudo mais é fingimento. Você nunca foi tão você quanto atrás daquele poste.

Pense em tudo o que você já fez para conquistar uma mulher. Os falsos encontros casuais, cuidadosamente arquitetados. Os falsos telefonemas errados, só para ouvir a voz dela. (2) (“Telefonei para você? Onde eu estou com a cabeça!”) As bobagens que você disse, tentando impressioná-la. Pior, as bobagens que você ensaiou em casa e disse como se tivesse pensado na hora. O que você lhe escreveu, sem revisão ou autocrítica. Aquele ridículo era você. Os dias e dias que você passou só pensando nela. Tanta coisa para fazer, e você escrevendo o nome dela sem parar. Gesileide (digamos), Gesileide, Gesileide... E as mentiras? E a vez que você inventou que era meio-primo do Julio Iglesias?

E o que você sofreu quando parecia que não ia dar certo? Como um adolescente. Aquele adolescente era você. Isso que você é agora é o disfarce, é o imbecil essencial em recesso provisório. Só o vexame é autêntico num homem.

(Luis Fernando Veríssimo)

Please, explain your answer choices for (1) and (2) above:
